

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

VERA HOLTZ

O GOSTO DA VERA  
ANA LURIBEIRO

Imprensa oficial

**Vera Holtz**

**O Gosto da Vera**



Vera Holtz

O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

**| imprensaoficial**

São Paulo, 2006

**GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO**

Governador  
Secretário Chefe da Casa Civil

Cláudio Lembo  
Rubens Lara

**imprensa oficial**

Diretor-presidente  
Diretor Vice-presidente  
Diretor Industrial  
Diretora Financeira e  
Administrativa  
Chefe de Gabinete

**Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Hubert Alquéres  
Luiz Carlos Frigerio  
Teiji Tomioka  
Nodette Mameri Peano  
Emerson Bento Pereira

**Coleção Aplauso Perfil**

Coordenador Geral  
Coordenador Operacional  
e Pesquisa Iconográfica  
Projeto Gráfico  
Assistência Operacional  
Editoração  
Tratamento de Imagens

Rubens Ewald Filho  
Marcelo Pestana  
Carlos Cirne  
Andressa Veronesi  
Djair Wilson  
Aline Navarro  
José Carlos da Silva

## Apresentação

*“O que lembro, tenho.”*

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se

tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.



Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries: *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o

primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O caso dos irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa

documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres  
Diretor-presidente da  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*À Vera, que se dispôs a me contar  
essa história incrível*

*À Pérola e ao Beuys, pela recepção calorosa*

*À Denyse Godoy, pela paciência*

*À Liane Lazoski, pelo socorro*

*Ao Caesar Park Ipanema, pelos dias 5 estrelas*

*À Teté, que me ensinou o caminho das pedras*

*Ao meu pai, que me fez acreditar que escrever  
livros é uma atividade cotidiana*

*À minha mãe, pela força de sempre*

*À Barbara, por tudo*

**Analú Ribeiro**



## Introdução

Vera-rá-rá-rá-rá-rá!

Quando só o que faltava para terminar este livro era o título, tive uma luz: *O Gosto da Vera*. Ela adorou, e mais ainda quando contei a origem da minha inspiração. Acontece que meu pai, o jornalista José Hamilton Ribeiro, publicou nos anos 60 um livro lindo e emocionante, *O Gosto da Guerra*, no qual conta sua experiência como repórter enviado especial da revista *Realidade* para a guerra do Vietnã.

No meio da cobertura, ele pisou numa mina terrestre e foi para os ares. A explosão levou com ela parte de sua perna esquerda. Transferido para um hospital americano em Chicago, enquanto se recuperava do acidente junto com outros sobreviventes da mesma guerra, ele escreveu o livro, relançado em 2004 pela Editora Objetiva. Graças a Deus, e à torcida dos amigos e da família – eu era pequenininha, tinha dois anos de idade –, sua recuperação foi total. Ele continua na ativa, exercendo sua profissão com a bravura de sempre, e espero que não se incomode com o meu trocadilho. Mais ainda: que dê risada e, quem sabe até, se sinta homenageado. Em um país de memória curta como o Brasil, e que não tem –

ou não tinha, até agora – especial vocação para publicar biografias, a busca era árida para quem, como eu, adora entrar em detalhes da vida e da trajetória das pessoas que eu admiro mais.

Quando ouvi falar da *Coleção Aplauso*, e quase imediatamente corri a encontrar nas livrarias uma porção de livros com as histórias desse, daquele e daquele outro artista, junto com a pressa de ler tudo o que caía na minha mão me deu uma vontade danada de participar.

14

Pensei na Vera, amiga querida, antídoto contra o baixo-astral, bacana, bagunceira, barulhenta, engraçada, divina-maravilhosa e uma atriz daquelas, de talento gigantesco, destemido, indomável. Ela também se animou com a idéia, topou correndo. Nossos dias de entrevista foram incríveis. São Pedro ajudou com o céu azul sem falhas, banhado por um sol fresco de outono que deixava o Rio de Janeiro ainda mais lindo, se é que isso é possível. O Jardim Botânico colaborou com a paisagem bucólica e suas ruas antigas, que eu fazia questão de cruzar a pé. E a Vera entrou com o relato, com a graça, com o sorriso que estava sempre me esperando do outro lado da sua porta.

Na sua memória restaram apenas as partes boas, é só do que ela se lembra. Achei estranho no

começo – como vamos escrever uma biografia só com histórias divertidas? Eu sei, e qualquer um sabe: a tragédia vende muito mais. Mas o livro é a história dela, e a história dela é feita de muito riso, de muita alegria, de muita família, de muito amigo, de muita paixão, de muito porre, de muito carnaval. Foi uma delícia ouvir, um prazer escrever e uma vitória publicar. Minha satisfação vai ser completa quando você terminar de ler e concordar comigo: Essa mulher tem gosto de festa!

**Analu Ribeiro**





Desenhista da Engevix, 1975, Rio de Janeiro

## Capítulo I

### Um Empurrão para Fora da Prancheta

Em 1975 me mudei de São Paulo para o Rio de Janeiro e troquei meu emprego no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), onde trabalhava há dois anos, por outro na empresa de engenharia Engevix, para atuar como desenhista do vertedouro da hidrelétrica de Itaipu Alto, fazendo mapas de perfis geológicos.

Batia o ponto às oito horas da manhã, ao meio-dia eu almoçava, à uma hora da tarde voltava para a prancheta e só levantava de novo às cinco horas da tarde, para bater o ponto.

Era um trabalho técnico, com hora para entrar, hora para almoçar, hora para sair. Virei uma pessoa normal. Foram três anos batendo cartão, enquanto minha vida me esperava do lado de fora da firma. Meu corpo sentia a inadequação e me mandava todo tipo de sinal possível. Eu tinha problema de estômago, prisão de ventre, não dormia direito, tinha angústias. Não sabia ao certo o que era depressão e não entendia o que se passava comigo, mas me sentia mal, não me encaixava mais no mundo.

Muitas vezes, durante os três anos que fiquei lá, chegava cedinho na empresa, bem antes do

expediente, morrendo de sono – pelas noitadas cariocas ou pelas noites perdidas fazendo o longo percurso entre São Paulo e Rio dentro de um ônibus. O segurança me deixava entrar e eu dormia embaixo da prancheta, feliz com essa cidade que estava descobrindo, até as oito.

Um dos meus apetrechos de desenho era a aranha, instrumento que tem uma agulha em cada ponta, a mais fina para fazer letrinhas menores, a mais grossa para letras maiores. Eu pegava no sono em cima dos mapas geológicos e apoiava a cabeça na agulha, cansei de ficar com a testa furada por causa da ponta da agulha da aranha.



Cercada pelos amigos do departamento de desenho do IPT em gravação para o *Video Show*. Adorei essa foto!

Um belo dia o meu chefe, Horst Krühne, me chamou. Eram 8h20, eu tinha chegado atrasada – de novo – naquela manhã. Ele disse: *Vera, vou te mandar embora*. Eu falei: *Ai, que bom!* Estava ainda meio bêbada, provavelmente, porque a gente bebia até de manhã nos botecos do Baixo Leblon. *Você tem que seguir o seu destino, minha filha, que não é aqui*. Como é que pode um alemão, um homem com a mesma origem do meu pai, dizer isso para mim? *Vai fazer teatro, vai fazer a tua vida*. Eu agradei e fui embora, radiante.

Às 8h30 já estava xingando o Krühne, minha resignação transformada em revolta. Aos poucos entendi que ele estava me dando um empurrão



Grandes amigas do Rio: Vera, Debora Fontes e Wilma dos Santos

de encontro ao meu caminho. É aí que acontece o *Rasga coração* e minha vida como Vera Holtz, a vida que escolhi para mim, começa. Senão eu tinha ficado na prancheta; quem sabe estivesse lá até hoje.

Ao longo de toda a minha vida contei com a intervenção de certas pessoas, meus anjos da guarda, que apareceram para me dar um empurrão na hora certa.



A pequena Vera

## Capítulo II

### Blecaute em Tatuí

Teve um blecaute na cidade de Tatuí, no interior de São Paulo, minutos depois que eu nasci. Tia Rita, irmã de meu pai, estava no hospital com a minha mãe. Naquela época (o dia é 7 de agosto de 1952), racionamentos de energia eram comuns.

Eu tinha acabado de nascer, às cinco para as onze da noite, minha tia me pegou no colo, eu sorri para ela e a luz apagou. Aí começam as histórias da minha vida. A do meu nascimento, que tia Rita relembrava ao longo de toda a sua vida, é esta: nasci sorrindo e provocando blecautes.

21

Fui registrada como Vera Lúcia Fraletti Holtz, sobrenome italiano da minha mãe e alemão por parte de pai. Um pouco depois, meu pai tirou o Fraletti, mas ninguém descobriu. Na realidade, por muito tempo fui Vera Lúcia Fraletti Holtz e só mais tarde virei Vera Lúcia Holtz.

Na minha casa somos quatro irmãs: Maria Teresa, Rosa Cristina, Vera Lúcia e Regina Maria. Eu sou a terceira. Quando mamãe estava grávida de mim, papai tinha uma aposta gigantesca de que viria um homem. Ele já tinha duas filhas e não queria

outra mulher. Estava certo de que teria um filho homem e nasceu mais uma menina. Então, tem mais essa historinha para eu resolver durante minha vida, a da decepção de meu pai no meu nascimento – historinha que, acho, resolvi muito bem, tanto que papai, quando virou avô, só queria netinhas. Elas vieram, eles também. Teresa teve Henrique e Maria Helena. Rosa contribuiu com Luciana, Cecília e Matheus. Regina é mãe de Gustavo e Letícia.



Rosa Cristina, Maria Teresa, Regina Maria e Vera Lúcia



No colo de mamãe





## Capítulo III

### A Alma PereireNSE

Meus avós maternos são italianos. Vovô, João Fraletti, era de Castelnuovo. Chegou ao Brasil em 1884, sozinho, como imigrante, mas com emprego prometido de padeiro em Pereiras. Vovó, Cristina, de Ravena, vem com a família em 1890. Cristina e João se conheceram em Pereiras e se casaram em 1900.

Tiveram 14 filhos. Mamãe é a décima-terceira. Depois dela ainda nasceu Henriqueta, que faleceu bem menina. Mamãe era a raspa do tacho, como ela dizia. *Da raspa do tacho viemos nós quatro.*

Papai conheceu mamãe em Pereiras, onde foi lecionar. Terezinha Fraletti Holtz sempre foi uma exímia dona-de-casa. Era uma italianinha muito dinâmica, exuberante e feliz, gostava de subir nas árvores e cantar com a sua voz grave. Costumava roubar os cavalos dos cavaleiros para se exhibir por Pereiras. Cozinhava muito bem, costurava com gosto e tinha um coração genuinamente cristão. A ela coube cuidar do pai dela na velhice, o que fez com alegria. Vivia num casarão em Pereiras, ao lado do armazém da família, na época o

maior armazém de secos e molhados da região de Conchas, Pereiras e Laranjal.

Caçula de uma família numerosa, minha mãe ficava no armazém com seu pai e criou todo um universo fantasioso em torno de caixas de balcão que vinham envolvidas em tecidos, rolos de fumo e torrões de açúcar mascavo. Ela me contava essas coisas e tenho seus relatos muito impressos na memória, misturados com fotografias de família, de meu avô. Papai, além de professor, foi comerciante em Tatuí, onde cuidava da Casa Fraletti, que vendia fogões e botijões de gás. Enjoei de carregar botijões e empilhar



Mamãe (a primeira à esquerda) e os irmãos Fraletti

na perua Kombi, para a entrega. Mas isso é em Tatuí. E ainda estamos em Pereiras.

José Carlos Holtz era um homem muito especial. Viveu 81 anos e dedicou sua vida à família e à comunidade, pois, além da atividade de magistério e no comércio, sempre se empenhou com trabalhos sociais. Foi tesoureiro do Asilo São Vicente de Paula, presidente e fundador do Lyons Clube de Tatuí – sua grande paixão. Tanto é que suas filhas eram chamadas de ferinhas (as filhas do leãozinho).

Fui gerada em Pereiras e nasci em Tatuí. Daí vem a eterna questão: se sou de Pereiras ou de Tatuí. Sempre digo que sou de Tatuí de corpo, porque nasci em Tatuí, mas pereirense de alma. Passei parte da minha adolescência e da minha juventude em Pereiras. As duas cidades são vizinhas, estão a trinta minutos de distância uma da outra. Pereiras tinha seis mil habitantes, a gente brincava que seus *slogans* eram *Visite Pereiras antes que acabe* ou *A maior cidade pequena do mundo*.

Apesar de viver no Rio de Janeiro há trinta anos, tenho lembranças muito fortes do interior de São Paulo, e fui reencontrando minhas raízes ao longo de minha vida. Botucatu é outra cidade ali perto, de onde vem Alcides Nogueira, autor de *Ópera*



O casamento de papai e mamãe, em 31/12/46

*Joyce*, inesquecível obra de teatro. De Conchas vem o pai de Guilherme Leme, mais tarde um grande amor. Em Bauru nasceu Mauro Rasi, autor de *Pérola*, um trabalho que mudou a minha vida. Em 2005 fiz *Intimidade Indecente*, peça da Leilah Assunção, que também é de Botucatu.



Tio Rolf e seus quadros

## Capítulo IV

### Uma Filha de Tatuí

Nasci na Santa Casa de Tatuí, porque em Pereiras só tinha parteiras e mamãe havia sofrido nos outros partos. Papai tanto queria um filho homem que nem foi me registrar, incumbência que ficou para o tio Rolf, meu padrinho.

Tio Rolf era pintor acadêmico, estudou com o Professor Rocco e não aderiu ao movimento modernista, como seu contemporâneo Di Cavalcanti. Pintou até o final dos seus dias e foi também um grande letrista, responsável pela produção de cartazes de cinema, listas de preços, faixas comemorativas, pintura de fachadas – tudo isso que hoje é feito por computador, mas na época era feito à mão. Ele me ensinou essa técnica.

31

Ao me registrar, tio Rolf manteve o nome duplo – Vera Lúcia – para não fugir da tradição familiar, mas fez questão de incluir o sobrenome Fraletti. Minhas irmãs são apenas Holtz: papai não gostava de nomes compridos, achava pouco práticos. *Vai dar trabalho no futuro*, argumentava.

Ele era um homem pragmático, ponderado, firme. Sempre o consultavam para resolver os problemas familiares. Era, também, um excelente



orador. Pensava no futuro como realidade e se preocupava em investir na educação das filhas: *O que Joãozinho não aprende, João não aprende nunca mais.* E ainda: *Primeiro se formar para depois casar.*

Estudei piano desde os seis anos de idade até quase me formar no Conservatório Dramático e Musical Doutor Carlos de Campos, em Tatuí. No convívio com tio Rolf, no ateliê dele, conheci bem as palhetas todas. Tio Rolf e tia Rita eram meus padrinhos, eles nunca tiveram filhos e me protegiam muito.



Concerto de Câmara no Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos, em Tatuí



## Capítulo V

### Criança Feliz

Nossa casa em Tatuí era pequenina e encantadora – a *casinha*, como nos referíamos a ela. Ficava na Rua Treze de Fevereiro. Ao lado, um grande quintal e era ali que nosso mundo acontecia. O nosso grande palco. Sempre sob a proteção de nossa “babá” Maria, que ajudou mamãe em tudo durante a nossa infância.

Víamos a terra mudar de cor, de um vermelho para o outro, com a chegada das chuvas. Fazíamos grandes guerras de mamona, observávamos os insetos e as minhocas abrindo os seus caminhos, cuidávamos da hortinha, fazíamos procissões com nossos brinquedos e bonecas, bandinhas... tudo isso a céu aberto.

Fui uma criança típica do interior. Lembro que a gente ficava estourando bolinha de piche nas lajotas quentes da rua, corria atrás de enxurrada, machucava o pé nos cacos de vidro. Me encantava com as chuvas de raio, relâmpago e trovão. Participava de todas as festas folclóricas, religiosas, e as de tradição familiar. Enfeitávamos a rua com folhas e pétalas para a procissão de Corpus Christi. Chegavam árvores inteiras na nossa casa para a gente desfolhar.

Mamãe gostava de fazer doce de frutas da estação: doce de abóbora em pedaços e ralada com coco, geléia do miolinho da goiaba, e de figos para o Natal. Acompanhávamos todo o ritual de preparo dos tachos de cobre, o corte da abóbora em pedacinhos mergulhados na cal e perfurados com o garfo para receber melhor o açúcar, os figos apurados na calda, os doces de batata cristalizando ao sol. No final do ano, as pontinhas dos nossos dedos ficavam queimadas pelo leite contido na casca dos figos que ajudávamos a remover.



Vera e mamãe, Terezinha Fraletti Holtz, 2003



Almoço familiar dos Holtz, em 1957 – eu sou a de óculos



Os avós paternos - Pai Pedro e Mãe Rosa

## Capítulo VI

### A Grande Família

Meu avô paterno, Pedro Holtz (Pai Pedro, como era carinhosamente chamado), foi fundador do Clube Recreativo de Tatuí. Era industrial, tinha fábricas de sabão, gelo, farinha e torrefadora de café. Também gostava de fazer bebidas, licores, no porão da casa dele.

Nós chegamos a encontrar alguns licores ainda ali. Ele adorava Carnaval, comprava engradados de cerveja embalados com palha e sentava na área da casa para tomar cerveja quente. Para quem passava, ele oferecia. Afinal, era Carnaval. Mãe Rosa, minha avó, não gostava nada dessa folia.

39

A grande lembrança que eu tenho de Pai Pedro é a cocada amarela. Ele era especialista em fazer essa cocada, usava 24 ovos para cada quilo de açúcar e um coco bem grande. Para atrair os netos, colocava o doce em minicopinhos americanos, polvilhava canela e vedava os copinhos com papel de pão, colados com clara de ovo. Deixava guardados em cima da cômoda do quarto dele, numa assadeira de alumínio. Sua diversão era ver os netos burlarem a sua vigilância e roubá-los, atraídos pelos copinhos de uma coloração amarelo sol.



A família Holtz é muito festeira. Maria das Mercês Rocha Leite, escritora e editora, está pesquisando e escrevendo um grande livro sobre os Holtz de Tatuí. Pai Pedro teve sete filhos, Rosinha, Holtinho, Fred, Rita, Anita, Paulo e José Carlos. O maior herdeiro de seu gosto pelo carnaval foi Paulo.

Paulo Dragão era o Rei Momo oficial da cidade. Estava presente em todas as manifestações carnavalescas, e óbvio que eu também – porque era a sobrinha do Rei Momo. Tio Paulo fazia de tudo. Nas quermesses tinha roleta e barraquinhas de coelhinho na toca. Ele rodava a roleta e, quando



Tia Anita, tia Rita e eu, nos 90 anos de tia Rita

estávamos participando, dava um jeito de colocar uma ripinha de madeira no nosso número. A gente não tinha a menor idéia de que isso acontecia, era tudo muito misterioso.

Me lembro de um domingo de Páscoa em que saí da quermesse com um ovo praticamente do meu tamanho. Devia ter um metro de altura. Era um coelho grávido: quando abri, saiu um monte de coelhinhos de dentro da barriga. Foi uma festa, uma noite mágica, a quermesse, a luz das barraquinhas...



Aluna aplicada

## Capítulo VII

### Tempos de Escola

A primeira escola que freqüentei foi a Escola Modelo, em Tatuí, onde entrei com sete anos, já praticamente alfabetizada por papai. Como sou de agosto, e a idade mínima para admissão na escola era seis anos, entrei tardiamente.

A Escola Modelo era anexa ao Instituto de Educação Barão de Suruí, escola pública. Naquela época, o professorado era conceituado e muito bem formado. Sabia e gostava de ensinar. Sou extremamente apaixonada por ensino, talvez pudesse ter tido uma belíssima carreira ligada à educação, não fosse o aspecto metódico da atividade. Apesar de ter sido normalista e me formado em magistério, não tenho nada de metódico na minha cabeça. Agora, a *Valsa do Professor* eu não esqueço: *Dos bens que recebemos e gozamos, sentimos a beleza e o esplendor...*, de autoria do professor Nassif Farah e Maria Aparecida Cardenas.

Desde pequenininha gostava de dar aulas. Sentava meus colegas de classe nos bancos da Escola Modelo – eram aqueles bancos lindos, de madeira ripada, com estrutura de ferro toda trabalhada –, levava uma bonequinha preta e outra branca

e ficava falando sobre igualdade racial. *Apesar da diferença, somos todos muito parecidos.* Aos seis anos de idade, já dava minhas primeiras aulas de catecismo.

Depois ensinei piano e matérias complementares, educação artística, artes plásticas, geometria descritiva, até alfabetização (mas não levava o menor jeito). Sei lá de onde vinham esses meus primeiros conceitos sobre igualdade racial. Um pouco era da minha formação cristã, mas um pouco vinha mesmo de dentro de mim.



Colegas de colégio: Raquel Neix, Maria Luiza (Totó) e Vera, em 1967

Sempre fui ligada aos grandes humanistas e buscava conhecê-los através das coleções de capa dura que papai tinha em casa: *Os Grandes Pensadores da Humanidade*. Tínhamos também *O Mundo Pitoresco*, coleção toda ilustrada onde eu e minha irmã mais nova, Regina, passávamos a tarde disputando quem encontrava lugares mais originais. Linda, de cabelos longos, ela fazia aqueles papelotes para ficar com cachos, se vestia toda de cor-de-rosa. Nos desfiles da escola, ela era baliza, eu era da fanfarra (tocava surdão e repique) e a Rosa, minha outra irmã, general. Tocar na fanfarra fazia parte de meu comportamento mais associado ao dos meninos, me aproximava do menino que papai queria que eu fosse.



Primeira Comunhão com minha irmã Regina

## Capítulo VIII

### Flerte com a Igreja

No Instituto de Educação Barão de Suruí me formei na Escola Normal, sem saber direito o que queria. Cada hora eu queria uma coisa. Pensei até em ser freira. Adorava fazer a hora santa, comungar. Eu queria morar na igreja.

Fiz até o TLC (Treinamento da Liderança Cristã) e fui parte da Cruzadinha. Tinha meu missal, minha fita amarela, a boina branca com o uniforme branco.

47

Aos domingos passava mal na igreja porque tínhamos que comungar em jejum. Mas eu era tão infantil (acho que sou até hoje) que nunca tive introspecção para entender a fé, essa graça divina. Então, pensei em ficar apenas com o que eu entendia e podia ver: o espetáculo da igreja católica, seus rituais, seus figurinos, sua música, estandartes, imagens, procissões e a maravilhosa água benta.

Minha adolescência foi uma explosão só. Fiquei rebelde de vez, virei bicho, não obedecia mais ninguém. Papai brigava muito comigo por causa desse negócio de namoro: *Você não vai namo-*





Wanda Seabra Mayer e eu no carnaval do Clube Tatuiense

*rar fulano. Eu falava: Querer é poder!, ele me ameaçava: Então vamos ver quem pode mais. Eu respondia: Negócio fechado. Era assim.*



Recebendo o título de Cidadã Benemérita de Tatuí



As irmãs Vera, Teresa, Rosa e Regina, repetindo a pose  
diante do móvel na casa de mamãe, no Natal de 91

## Capítulo IX

### Xodó do Papai

Eu era a protegida dos meus padrinhos, que não tinham filhos. E era, também, o xodó do papai. A vida inteira fui xodó do meu pai. Como eu era muito desobediente, papai sempre me desafiava. E o desafio do meu pai era um grande estímulo para mim. Eu era totalmente diferente das minhas irmãs, se bem que uma é diferente da outra, mas somos todas muito unidas.

A Rosa, sempre bonitona, estudiosa, maternal, uma belíssima professora.

51

Teresa, administradora, quieta, cúmplice e parceira nas noitadas de vigília regadas a vinho, mamãe doente, nos repreendendo e nós duas, mais a Formiga, fazendo ligações para todos os primos madrugada adentro.

Regina é o furacão branco da família: matemática, organizadíssima, obsessiva, só conhecendo para entender.

E tem ainda a irmã anexa, nossa prima Célia Holtz, filha do Paulo Dragão, até hoje minha companheira de *performances*. Ora somos Papai Noel, ora Super-Tias, de acordo com a ocasião.

Eu era muito inquieta, curiosa, novidadeira. Adorava imitar todo mundo em casa. Minha personalidade hiperativa provocava a rigidez e a braveza de papai. Quando precisava, ele exercia sua autoridade: usando cinta ou um bom papo.

Como eu não ouvia, a cinta era quase sempre necessária. Sempre o escutei dizer: *A mais velha cuida da mais nova. Teresa cuida da Rosa, que*



Com tia Rosinha no meio, Vera e Célia de Super-Tias



Célia e Vera Holtz

*cuida da Vera, que cuida da Regina.* Eu brigava com a Regina, então apanhava.

Me lembro de roubar o dinheiro dele. O troco da loja de eletrodomésticos era guardado no quarto dele, em cima do guarda-roupa – e é lógico que eu sabia. Fingia que estava dormindo, com um olho fechado e outro aberto, enquanto o via guardar os pacotinhos de dinheiro.

Quando ele saía, eu subia em cima do guarda-roupa, abria o maço de notas e puxava as do meio. Pegava uma nota, duas, sei lá quanto era na época, nem lembro qual era a moeda.

Fui uma criança que apanhou muito. Mamãe me batia com as mãos e com a borracha da panela de pressão. Ou com o que tivesse nas mãos. Eram surras italianas. Papai era mais oficial: me chamava, com uma voz diferente: *Vera Lúcia!* Quando eu ouvia o Lúcia... me trancava no quarto, tirava o cinto e... Adrenalina para que te quero! Minha vingança era contar para todo mundo. Eu ia até o bar do Osmar, na frente da minha casa, subia em cima do balcão e levantava a saia para mostrar as marcas da cinta. *Olha o que o papai fez em mim!* Ainda bem que não tinha nenhum pedófilo por perto.

- 54 Minha história de pedofilia aconteceu em outra situação. Era muito pequenininha, não me lembro direito, mas fico um pouco emocionada e incomodada com essa história. Parece que frequentava a casa da minha avó um surdo-mudo, um belo dia a minha mãe estava lá e teve uma sensação ruim, saiu me procurando, começou a gritar o meu nome. Me encontrou na casa de outra tia, em cima de uma mesa, com esse surdo-mudo tentando tirar a minha roupa. Minha mãe deu um grito violento e depois contava que tinha tido uma intuição de que algo poderia estar acontecendo com a sua filha.

Depois da morte de mamãe, eu e minhas irmãs perdemos nossas diferenças e nos fundimos

em um corpo só. Foi um processo lindo, único, singular, feminino. Somos uma por todas, todas por uma. Não sangramos mais. Só de saudades de todos os que amamos e partiram.





Casa de Mongaguá, em 1955

## Capítulo X

### A Primeira Vez que Vi o Mar

Nos anos 50 a família Holtz comprou uma casa em Mongaguá, no litoral de São Paulo, em esquema compartilhado. A alemãozada era danada: naquela época ninguém pensava em *time-sharing*. Todos usavam a casa, em épocas alternadas.

Me lembro da primeira vez que vi o mar, essa geografia sensacional que é o mar, que me causou tamanho impacto que acho que mais tarde fui morar no Rio por conta disso. A viagem de ida, de trem, tinha baldeação. Pegávamos o trem em Tatuí às três, quatro horas da manhã, e fazíamos baldeação em Mayrink e Samaritá. A viagem era encantadora, descíamos de trem a Serra do Mar, que era a coisa mais linda do mundo ao amanhecer. Era um bando de gente e mamãe levava tudo que se pode imaginar para comer: bolo seco (*cufa*), tortinha com recheio de goiabada, tomate com sal, laranja descascada, ovo cozido, sanduichinhos. Mal o trem saía, eu já queria comer o lanche. Gulosa desde pequena. Até hoje não posso entrar numa van com mais de uma pessoa que já acho que é excursão e o meu espírito ferroviário começa a se animar.

Eu aproveitava a viagem longa de trem para socializar. Sumia entre os vagões e minha mãe me encontrava sentada no colo de alguém, gesticulando e imitando a pessoa que estivesse na frente. Eu era comunicativa, uma menininha leonina que ninguém segurava. Me dava com todo mundo, conversava com todo mundo, imitava todo mundo. Essas coisas eu sei um pouco de ouvir contar e um pouco de lembrança, apesar de ter uma memória péssima.

58

No meu primeiro contato com o mar, ainda pequenininha, entrei na areia pulando com uma perna só, meio mancando na areia fofinha. Nunca tinha visto aquilo. Fui subindo em uma duna de areia branca e de repente apareceu o mar, o horizonte se abriu pra mim. Foi uma visão sublime. Me lembro perfeitamente de Mongaguá, de todas as minhas férias na praia de Mongaguá. A minha Itapoã. Até trocávamos, na letra da música, Itapoã por Mongaguá: *Passar uma tarde em Mongaguá, ao sol que arde em Mongaguá, ouvindo o mar de Mongaguá, falar de amor em Mongaguá*, que cantávamos aos berros pelas ruas. Uma vez, encontrei uma bengala enterrada na areia. Naquele verão, passei todas as tardes com a bengala, cantando o tema de *Bat Masterson*.

O marido da tia Ignez Fraletti era o tio Miguel.



Regina, Célia, Tia Tota, Vera, Mariinês, Tia Ignez, Zé Eduardo, Dido e Bete

O nome todo era Miguel Neto Sacker, um libanês lindo, de Djoubael. Usava Quina Petróleo no cabelo. Era o nosso grande galã. Um homem rico, com um carrão daqueles: Impala. Viajávamos as oito crianças no banco de trás, ele, mamãe e tia Ignez no banco da frente. Imagina o que era descer a serra, aquelas curvas da estrada de Santos, ele anunciava: *Agora é curva!*, os oito iam para um lado, *Olha a curva!*, os oito iam para o outro lado. Ele fumava charuto, adorava vinho, era bonitão, o cabelo preto, a pele escura. Um homem além do seu tempo: alegre, amoral (*Todas as pessoas têm seus motivos* – dizia), adorava conviver com os jovens. Tio Miguel me ensinou a gostar de vinhos e de coisas boas.



Meu tio Miguel

A lembrança que guardo dele é a de sua chegada nos fins de semana em Mongaguá. Ele abria o porta-malas do carro e tinha tanta coisa! Eu, sempre gulosa, me espantava com as frutas imensas, pêsegos, ameixas, figos, uvas, lombos de Santa Catarina, garrações de vinho de Bento Gonçalves e Garibaldi, peixes, mariscos... Grande tio Miguel! Saudades. Morreu muito cedo. Tia Ignez continua linda.



Na formatura do curso Normal, com Bebei, em 1970

## Capítulo XI

### Pinga com Limão, Pimenta e Seresta

Minha vida é muita marcada pela convivência com tios e tias. A infância em Tatuí foi encantadora. Só guardei o lado bom: natais maravilhosos, avós maravilhosos, amigos maravilhosos.

O casarão de meu avô, de 1916, que depois ficou para meu pai, acabou ficando para mim, quando comprei a parte das minhas irmãs. Ocupa uma esquina, na Rua José Bonifácio.

A rua do lado é a Treze de Fevereiro, onde ficava a casinha de meus pais e a casa da tia Rita e do tio Rolf. Em seguida, vinha a do tio Paulo e da tia Totinha. E depois a da tia Rosinha – irmã mais velha de papai – e do tio Vadô, com quem aprendi a gostar de pinga com limão, macarronada com carne moída, pimenta e seresta.

No dia de Natal, a gente ia de casa em casa ganhando presentes. Normalmente, envelopinhos cheios de dinheiro. Tia Rosinha era guardalivros do armazém da família Vanni. Ela era pititica, devia ter 1,50m de altura. Enérgica, mas super amorosa.





Tia Rita (O quadro no fundo é uma homenagem de tio Rolf, que pintava uma tela a cada aniversário dela)

E tinha uma mão incrível para plantar: seu jardim estava sempre florido, principalmente de hortênsias e rosas, como ela. Com ela aprendi datilografia numa pequena Remington e, também, como administrar o meu dinheiro.

Demorei a usar esse conhecimento porque só comecei a construir um patrimônio pessoal depois dos 40 anos.



Eliete no colo de Celia, Regina no colo de Bela, Cristini-  
nha e Teresa. Na frente, Vera e Rosa no Jardim da casa  
do Pai Pedro

## Capítulo XII

### Caipira com Sotaque

Outra figura sensacional da vizinhança era dona Cláudia Magaldi, de onde provavelmente eu herdo o sotaque muito carregado. Adorava conviver com ela. Ela era uma multimídia do lar: sabia bordar, costurar, pintar, cozinhar. Morava em um casarão com um grande pomar, que tomava quase todo o quarteirão. Tinha quatro filhos: o Pingo, o Pincer, a Maria Antonieta e o Rubinho. Eu passava divertidas tardes ao lado dela. Ela dizia, com seu sotaque forte: *Ô Pinceeeerrrrr... Pega o jornaarr... ou Sai do sorr...*

67

Eu adorava a dona Cláudia. Queria imitá-la. E também devia ter alguma dificuldade de linguagem, algum distúrbio da fala, ou talvez fosse um caso de timidez velada, mas o fato é que ninguém entendia o que eu falava.

Falava muito rápido e para dentro. Me lembro de já no curso Normal ter ido conversar com minha professora de Pedagogia, Dona Cida Pio e dizer: *Nãoseguiterminaropranodeárla*. E ela: *O que, Vera? Nãoseguiterminaropranodeárla*. Ela não me entendia porque eu embolava as palavras e dizia *arrrrla* em vez de aula. Punha *erre* até onde não tinha.



Vera aos 9 anos

Corrigi essa dificuldade muito depois, já no Rio de Janeiro, em sete aulas com a fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller. Paguei seis e fiquei devendo a sétima, porque usei o dinheiro para comemorar a grande descoberta: como tirar o sotaque. As aulas tinham sido oferecidas para mim por um amigo, Sérgio Lafitte.



Silvia, Maria Ignez e Margarida. Na frente, Regina, Vera, Zilda e Maurício, em Pereiras

## Capítulo XIII

### Lembranças de Pereiras

Em Tatuí eu convivia com o relógio, tinha hora para tudo. Em Pereiras eu convivia com o tempo. Tenho tanto de Pereiras dentro de mim! As árvores de maçãs verdes, as porteiras, o amanhecer, o céu estrelado nas noites frias, os sorrisos cúmplices dos primos, os primeiros sonhos nos bancos do jardim, os leilões nas festas de santo, as roupas feitas pelas costureiras, os guardanapos de sacos alvejados e bordados à mão, o tradicional sino da igreja da matriz que às 6 horas em ponto tocava a *Ave Maria* de Gounod. Toda a cidade silenciava. Era a hora de recolher a roupa do varal.

Meus tios, tias, primos, primas. Sempre tinha um muro para pular, árvore para subir, rio para pescar, cavalo para galopar, frutas para catar, polenta para mexer, porco para matar, estradas para explorar, bailes para dançar, praças para rodar, festas para namorar, varandas para prosear e, antes de dormir, leite com farinha de milho e pedacinhos de goiabada para engordar. Pereiras de Pedro, Vicente, Zeca, Dolores, Pina, Zico, Tana, Rosa, Toninho, Humberto, Mira, Beni, Didi, Geni, Cazuzza, Assunta, Luiz, Luizinho



e Marias, Ignez, Paulo, Terezinha, Vera, Miguel, José Carlos, Joana.

A italianada, passional, transbordava de generosidade. Meu tio Paulo Fraletti, irmão de minha mãe, era psiquiatra, político, poeta, um *enfant terrible*, se metia na educação da gente. Ele me ensinava desde pequena a dialética da vida, do comportamento. *Tudo na vida tem dois lados, eles vão te mostrar uma coisa, você vê o que está por trás*, ele dizia, eu já começava a entender. *De quem é esta poesia? A gente chutava, até acertar (com música era a mesma coisa)*. O tio Humberto passava de caminhão e buzina: *Estamos indo*



Grandes amigos de Tatuí: Julinha e sua filha, Wanda, Beatriz, Vera e Rizek



Tia Rita, sobrinhas e sobrinhos-netos, em 91

*para Conchas*, e lá íamos nós para Conchas, cantando na carroceria. Pereiras é o meu presepinho. De lá também tirei esse registro tragicômico, da personalidade explosiva dos italianos no trato com a política, a religião, a cultura, a educação, a afetividade. Nunca se sabe quem está brigando com quem, quem está com a razão.

Essa cultura de Pereiras usei mais tarde para fazer a novela *Cabocla*, em 2004. Do lado alemão trago o contido, o que não se permite, que me trouxe algumas dificuldades posteriores. Duas de minhas



Meu tio Paulo Fraletti, psiquiatra, político, poeta

irmãs moram em Tatuí até hoje, Teresa e Rosa, nunca saíram. A Regina mora em Curitiba, mas foi passar uma temporada em Tatuí quando minha mãe faleceu, em setembro de 2004. Ela assumiu a casa da mamãe – essa que agora é minha – foi para lá resolver alguma dívida, alguma dúvida que tinha restado com relação à família.

Em 2002, nos meus 50 anos, fiz uma festa de aniversário em Tatuí para 400 convidados, todos da família. Esse foi um dia muito especial. Tia Rita, tia Rosa e mamãe estavam vivas. Convidei todos os Fraletti e todos os Holtz. Apareceram os netos dos meus tios, que queriam me conhecer, mais um primo já com a filha, e a filha já com o filho, três gerações. Estava uma tarde linda, não faltou quase ninguém. Só vou repetir uma dessas aos 60 anos. Se agüentar esperar. É muito bom estarmos todos juntos.



*Electra Concreta*, de Gerald Thomas, em 1986

## Capítulo XIV

### São Paulo - Capital

São Paulo entra na história através de uma outra tia, Vera Maria Beltrão Fraletti. Tia Vera é de Curitiba, vem de uma família de produtores de erva-mate, se casou com o Paulo Fraletti e foram morar em São Paulo. Eles também são figuras sensacionais na minha vida. Tia Vera foi a primeira pessoa que me alertou de que eu era diferente. Aliás, ela se incumbiu de avisar a família inteira. Até inventou uma maneira de traduzir, de forma que minha mãe entendesse, a minha peculiaridade. *Olha, Terezinha, é como se você tivesse quatro vaquinhas na sua casa. Tem uma que muge diferente: é a Vera. Por mais que você tente, não vai conseguir domá-la.*

77

Cresci achando que era uma vaquinha que mugia diferente. Até hoje conservo a fixação pela figura da vaca, tendo colecionado e sido presenteadada por muito tempo com objetos em forma de vaca. Sempre fui uma pessoa que dificilmente se apega. Eu não criava vínculo, nem mesmo com a minha mãe. Ela brigava muito comigo por causa disso. *Vera, quero que você enrole o meu cabelo.* Eu não tinha paciência. Só fazia na hora que eu queria, onde eu queria, do jeito que eu queria.



*Pérola*, de Mauro Rasi, em 1995

Quando estava com vontade, pintava, enrolava, desfiava, arrumava, punha laquê, deixava ela bonitinha. Eu tinha facilidade pra tudo, mas tinha que ser... pra ontem. Até hoje, esse negócio de preparar, ritualizar demais, discussões de grupo, trinta reuniões, não tenho a menor paciência.

Sempre gostei de decidir tudo em um minuto e de inventar moda. Em Tatuí eu adorava usar roupas da minha tia, da minha avó, do meu avô, só andava de roupa de brechó. Do brechó da minha família. Os Holtz eram ligados em moda e começaram a abrir os meus olhos para isso mamãe costurava para as filhas, desde as anáguas rendadas até os vestidos de organdi. Bem mais tarde, na Bahia, quando conheci os estilistas Glória Coelho e Reinaldo Lourenço, já gostava muito de moda. Eles terminaram de me abrir as portas para esse mundo.





1967, Aniversário de Marinêz: Zilda, Regina, Teresa, Vera, Rosa e Maria Ignez

## Capítulo XV

### Programa de Rádio

*Big Voss e Vera Lee* era o nome do programa de rádio que eu apresentava na Rádio Difusora, em Tatuí, durante o dia. Tocávamos rock e música de discoteca. À noite fazia outro programa, *Momento Mariano*, um programa religioso que contava as histórias da igreja. Lia os poemas do Michel Quost, de que me lembro até hoje, e dava as notícias: *Tal dia na matriz, missa em homenagem a tal pessoa*. Não considero esse o início da minha vida profissional, já que não ganhava um tostão para fazer. Na rádio também estava Jorge Rizek, amigo meu, que se metia em tudo comigo em Tatuí.

81

Rizek era meu parceiro antagônico. Enquanto eu estava assistindo *A Praça da Alegria*, ele assistia os festivais de música. Eu adorava Cantinflas, Mazzaropi, Jerry Lewis, ele ouvia os Beatles, e os tropicalistas. Era um pouco mais velho do que eu, da idade da minha irmã Rosa. Tinha interesse nas tradições da cidade, nas festas populares, nas comidas típicas. Mora em Tatuí e se dedica a atividades sociais.

A minha Tatuí é uma cidade especial. Tinha um belíssimo Carnaval. Tem ótimos artistas, doceiras,



seresteiros, o Conservatório de Música. Eu podia fazer muitas coisas. Fui até colunista social. Tinha uma coluna chamada "O Bicão", no jornal do Interact Clube, ligado ao Rotary. Eu era a colunista social, só que ninguém sabia que era eu. Eu era o bicão, tenho até hoje esses jornais. Fazia fofoca, fulana foi vista entrando no carro de fulano, não sei mais o quê. Quanta bobagem!



Minha primeira foto artística no Rio

## Capítulo XVI

### Uma Vida sem Filhos

Nessa época eu me achava muito estranha. Uma partícula solta no planeta, vindo não sei de onde e indo não sei para onde. Muito intuitiva, sensível e voltada para o sonho de que alguém, em algum momento, ia me levar embora. Tinha a sensação de que eu não era dali.

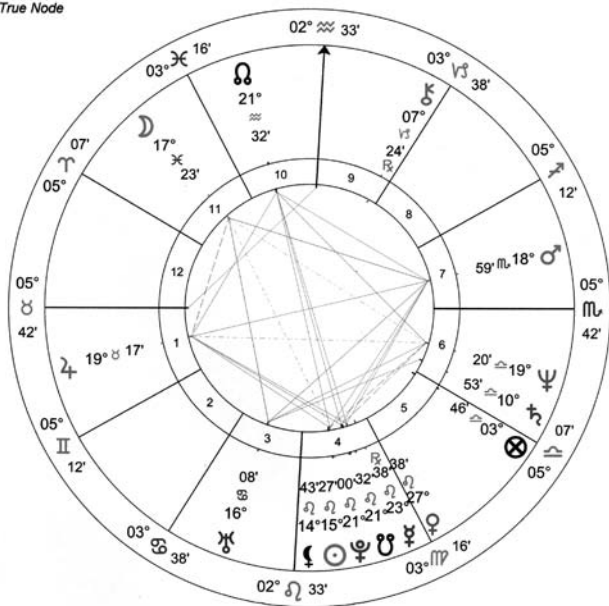
Com 14, 15 anos, já não queria ter filhos. Sentava na soleira da porta e dizia para a nossa empregada, Dona França, que ficava horrorizada: *Não vou ter filho, não*. Para a minha mãe eu falava: *De mim a senhora não espere netos*. Intuí boa parte da minha vida lá atrás.

85

Sempre tive isso, esse espírito aventureiro, essa certeza de que tudo dá certo desde que você seja honesta consigo mesma.

Eu levanto e vou. Ficou aquela idéia da menina que ganha o jogo quando arrisca, que a vida te dá de volta quando você decide enfrentar. Tem que se esforçar, estudar e correr o risco. Aquela coisa do Nietzsche: *Se você gosta do abismo, é preciso ter asas*. O abismo sempre me atraiu. Nunca tive dúvida de que ia encontrar aquilo que buscava. Quando saí de Tatuí, foi no

**vera holtz**  
**Natal Chart**  
 7 Aug 1952  
 22:55 BZT2 +3:00  
 latul, BRZ  
 06°S01' 040°W26'  
 Geocentric  
 Tropical  
 Placidus  
 True Node



Mapa astral de Vera

esquema *tô indo*. Nem sabia para onde, sabia que estava indo.

Tive muita sorte na vida, no sentido de ter sido rápida para perceber, na hora que aparecia algo que me interessava: *Isso é pra mim*. Não tenho âncoras, nunca tive. Só tinha um único pensamento: descobrir onde eu ia realmente amarrar meu burro. Vim parar no Rio de Janeiro. Como um poema de Vicente Huidobro: *Los cuatro puntos cardinales son tres: el norte y el sur, que tenho tatuado nas costas*.





Tempos de EAD

## Capítulo XVII

### Primeiras Platéias

Se meu primeiro contato com o público foi como locutora de rádio, meu encontro com público ao vivo foi no teatrinho da Casa Pio X, anexo à igreja da matriz, em um leilão que realizou uma disputa “*jovens versus coroas*”, para ver quem conseguia melhores resultados. Um coroa leiloeiro competia comigo, a jovem leiloeira. Eu ganhei.

Cheia de animação, eu falava: *Vamos chacoalhar os bolsos, minha gente! Ei você, que está me olhando!*, esse tipo de coisa. Já estava testando minha capacidade de improvisação.

89

Promovia bailes, fazia os cartazes anunciando as festas, pintava camisetas com desenhos de uma menininha *hippie*, que todo mundo desenhava na época, com os cabelos enrolados, florzinhas e coraçõezinhos. Fizemos um baile *hippie* no clube tatuiense, do qual meu pai era diretor. Espalhamos os símbolos de paz e amor pelo clube inteiro. Decoramos a entrada com um vaso sanitário cheio de flores, outra imagem comum na época. Papai quase me matou quando viu o clube todo enfeitado dessa forma. Deixou-me de castigo.

Eu já tinha enrolado o cabelo inteiro com papelote, mandado fazer uma roupa com mangas bufantes, um palmo de punho. Eu ia abrir o baile *hippie* com o grito primal, já tinha até ensaiado o grito. Ele me proibiu de ir. Adivinha o que eu fiz? Vesti a roupa, soltei os papelotes e pulei a janela. Fui pro clube, cheguei linda lá, dei o grito, o baile começou, eu voltei quietinha pra casa e fui dormir. No outro dia, papai descobriu e aí fez valer sua autoridade. Afinal, ele era o presidente do clube e o meu pai.



Fabiola, Maria Célia (Cecé) e eu, "As Africanas" do bloco Os Mascarados, no Carnaval de Salvador

No Carnaval eu, Rizek, José Galvão – presidente da comissão – Paulo Vagalume, Corintinha, Juliinha, Celina, Eloísa, Beatriz, Rosa e grande elenco fazíamos de tudo: carro alegórico, fantasias, grupos de rua, inventamos uma escola de samba chamada “Vai Quem Quer”, que saía na segunda-feira. No Vai Quem Quer nós nos fantasiávamos de tudo o que se pode imaginar.

Fui até de criado-mudo, a Rosa de guarda-roupa, com um cabide cheio de roupas penduradas. Um ano fomos de palmeirinhas: peguei os galhos das palmeiras da mamãe e a gente usou uma faixa para amarrá-los ao corpo. E tinha melancia no pescoço, recheada com bebida. Eu adorava beber, adorava ficar de porre. Adorava me atordoar e fingir que era outra pessoa.

O Carnaval era um ótimo pretexto e saí de tudo, de holandesa, de astronauta, de vampiro, de dominó, uma roupona grande com capuz, ninguém descobria quem a gente era. O dominó, depois, foi proibido de ser usado no carnaval pelo regime militar. Fui rainha do Carnaval, fui rainha da primavera em Pereiras. Corri atrás das galinhas, de madrugada, na saída do baile, para fazer arroz com frango. Eu estava de rainha, de vestido longo brocado, segurei o vestido aqui em cima para correr.

Carnaval é uma história sensacional, eu adoro. Tem um período grande na minha vida em que não gostava, depois resgatei essa paixão numa temporada que passei em Salvador, uma fase importantíssima na minha vida, que emenda duas pontas que estavam soltas.

Durante muito tempo no Rio de Janeiro eu fiquei meio quieta, não tinha dinheiro, não tinha nada, não conhecia nada, os valores eram outros. A década de 80 ficou nebulosa para mim. Meu cunhado Valdir até me deu um livro sobre esse período porque ele acha engraçado que eu não me lembre de nada. Não sei quem tocava, quem cantava, é uma sombra na minha memória. Só fiz teatro, teatro e teatro.

## Capítulo XVIII

### Tempos Universitários

Entrei na faculdade de Desenho e Artes Plásticas em Tatuí, a Faficile - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Eu queria mesmo era ir para o Objetivo, em São Paulo, no prédio da TV Gazeta, na Avenida Paulista. Falei pro meu pai que ia embora, ele disse: *Vá*. Cheguei em São Paulo e fui até a Paulista, parei na frente do Objetivo, do outro lado da rua, vi aquela escadaria e não consegui cruzar a avenida. Para uma menina vinda do interior, aquela escada era faraônica.

93

Às vezes me vejo diante de uma escadaria como aquela, como a do hotel *Hyatt*, em Beijin, e me volta a mesma sensação. Eu nunca tinha visto uma escada daquele tamanho. Olhei para ela do outro lado da avenida e nem atravessei, imagina se eu ia conseguir subir. Fiquei parada – não tinha condições de fazer aquilo; não era para mim. Por ora. Voltei pra Tatuí, entrei na faculdade, era uma excelente aluna e no segundo ano já estava dando aulas de Geometria Descritiva no Instituto de Educação Sud Mennucci, em Piracicaba. No início, ia e voltava todos os dias. Eu era muito nova e não tinha cara de professora. Pulava a janela para entrar pelo diretório do colégio. De farrá.

Todo mundo pensava que eu era aluna. Eu vestia uns macacões que comprava em São Paulo, na loja Peter, que eram o máximo na época. Depois dei aula num outro colégio, chamado Jerônimo Gallo, também em Piracicaba, e num outro, Cristóvão Colombo. Sempre dava um jeito de arranjar o meu dinheirinho. Em Tatuí dava aula de piano pra criançada. Tinha uma letra boa – tio Rolf me ensinou – e fazia lista de preços para as festas, tabelas de preços para pendurar no bar e no clube. Fazia capas de trabalhos escolares, com colagem. Também ia para Pereiras vender



Monitora do vestibular de 1972 na Faficile, Tatuí

os óculos da Ótica Peixoto. Até hoje ganho presente da Ótica Peixoto, meus óculos são todos de lá. Sempre tinha dinheiro, negociava aqui e ali, investia na minha independência, comprava minhas próprias roupas.

Aula sempre foi uma coisa muito presente na minha vida. Eu experimentava coisas. O que eu não sabia, eu inventava. Como quando fui lecionar em um curso de magistério no período noturno, destinado a professores com diploma do curso superior. Eles não perdiam uma! Eu dava as aulas normais do currículo e também colocava Caetano para eles ouvirem, eles tinham que dançar, tinham que aprender todas as danças brasileiras. Eu era uma anarquista didática.





Colegas de faculdade: Nancy Jacob Hessel, Beatriz Borges e Vera, em 1971

## Capítulo XIX

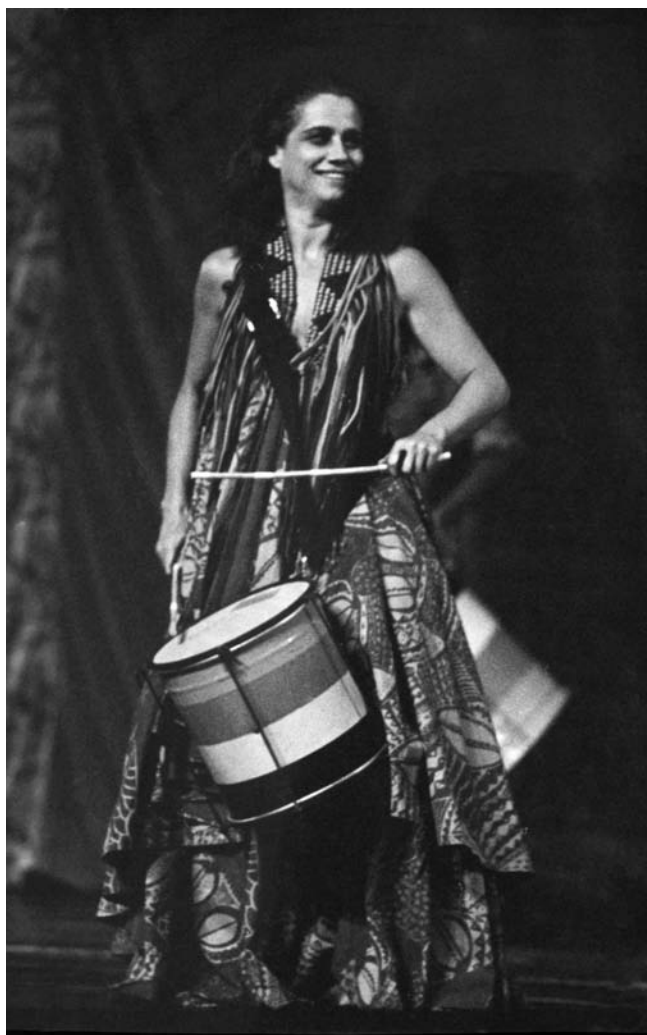
### Turma da Faculdade

Beatriz Borges, Nancy Jacob Hessel, Bernadete, José Anélio, eram grandes amigos da época da faculdade. Eu não saía da casa da Nancy, ela adorava ouvir rádio, ficávamos ouvindo rádio o dia inteiro.

O pai era dono do bar do Clube Recreativo. Me lembro que a Nancy tinha o sono muito pesado e, para não perder a hora, colocava o despertador dentro da bacia, aquilo virava uma concha acústica, fazia um barulhão e assim ela acordava. Era tudo diferente na casa dela.

Sempre me encantou a rapidez com que sua mãe, Carla, fazia arroz na panela de pressão. Nancy se casou com um holandês e mudou para Holambra.

Eu não desgrudava da Nancy e da Beatriz, a gente andava sempre juntas, adorávamos cantar as músicas do Noel e da coleção *Música Popular Brasileira*, que comprávamos na banca de jornal. Adorei os anos de faculdade: chantageava a Beatriz para me acompanhar aos bailes fora de Tatuí, fui presidente do Diretório Acadêmico. Ficava mais no pingue-pongue do que dentro da sala de aula.



*Medeamaterial* cena final



*Em Pérola*



## Capítulo XX

### Teatro, Eu?

No começo da década de 70, em Piracicaba, descobri o teatro através de um curso de expressão corporal, ministrado por dois bailarinos do Ballet Stagium, de São Paulo. Era o auge. O Milton Carneiro era um dos bailarinos e o reencontrei depois, anos mais tarde, em Campinas. Queria fazer o curso, mas a timidez me impedia. Ângela Gagliardi, minha companheira de república – e também tatuiense – que era bem mais despachada do que eu, foi quem deu o empurrão para que eu entrasse na sala. Assistente social, conhecia todo mundo, e pela primeira vez eu pedi ajuda. Ela foi comigo.

Me levou até lá, entrou e disse: *Vim fazer a inscrição, a Vera quer fazer o curso.* Me acompanhou na primeira aula e me jogou lá dentro, eu morrendo de vergonha, meio chorando por dentro. Fiz aquele curso, com muita insegurança, mas fiz. Tinha muita coisa de expressão corporal, fazer árvore, imitar bicho. E ao mesmo tempo você tinha de inventar uma história. Numa dessas aulas um dos bailarinos me disse: *Vera, você tem muito jeito pra teatro.* Pô, aquilo pra mim foi a mesma coisa que bater um gongo chinês. Teatro...

Nunca tinha passado pela minha cabeça. Tinha feito aquele teatrinho em Tatuí, mas não me despertou tanto interesse. Pensei: *Agora vou experimentar esse troço aí de teatro*. Quando chegou janeiro, eu estava de férias em São Paulo e fiz inscrição na USP para a EAD, a Escola de Arte Dramática. O Rizek foi comigo, porque eu não sabia onde era a USP, ele trabalhava em São Paulo já. Chovia torrencialmente quando ele me levou, achar a EAD foi uma novela, era um anexo da ECA (Escola de Comunicação e Artes), num barracão na frente da Geologia. Finalmente encontramos, ninguém enxergava nada debaixo daquela chuva, nós chegamos atrasados e as inscrições já estavam encerradas. Um funcionário da EAD, Amadeu, aceitou minha inscrição para o vestibular da escola.

Na pré-seleção, eram 200 pessoas para 40 vagas. Esses 40 selecionados faziam um estágio e passavam por outro processo de seleção que eliminava mais 20. Os 20 restantes faziam o curso.

O processo de seleção era uma semana de testes, que terminavam com você apresentando uma cena para um corpo de jurados. Para o teste escrito, o texto escolhido era *Marta, a Árvore e o Relógio*, do Jorge de Andrade, de que eu nunca tinha ouvido falar. Só tinha assistido uma peça de teatro até então, em São Paulo, *Se Correr o*



*Tempo Quente na Floresta Azul, com Teresa Frota*

*Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come*, do Oduvaldo Vianna Filho, com a Miriam Muniz, que depois, por coincidência, estaria na minha banca na EAD.

O Valdir, meu cunhado, é formado em Literatura, então eu pedi: *Ô Valdir, leia o livro e me dê um resumo porque eu vou decorar*. Ele já conhecia a obra e me deu uma aula inesquecível. Foi o que me salvou. De Português eu sabia umas coisinhas, no curso de voz me dei bem, sempre tive uma voz potente – fui capitã do time de voleibol da escola.



Passei com a professora de voz Mylene Pacheco, fiz um estágio grande de expressão corporal, improvisação, dança, nossa, que maravilha. Para mim, aquela semana na EAD foi sensacional. O purgatório, porque o paraíso foi depois. Fui da turma de 1973.

A prova final era uma improvisação sobre um tema qualquer. Você ganhava alguns objetos e



Meu cunhado Valdir

tinha de usá-los em cena, de improviso. Deram-me uma lata e um pincel. Quem estava na banca era o Alberto Guzik, a Miriam Muniz, e outros professores da escola na época. O Guzik me disse: *Você tem nome de atriz que vai ganhar prêmio, Vera Holtz.*



*Um Certo Hamlet - Rainha Gertrud*

## Capítulo XXI

### O Teste da EAD

Tinha na mão o pincel e uma latinha de tinta, vazia. Sem saber nada, entrei de baliza, com a lata na cabeça e o pincelzinho de baqueta, *Tchará, Tchararatchátchátchá!*

De repente entendi tudo, me senti localizada. Fiz um círculo, cruzei todo o palco, transformei a baqueta em microfone: *E agora, com vocês, o Grande Circo de Tatuí!* Virei um leão, botei a pata em cima da lata e o pincel era a minha cauda. Eu urrava: *Rrrrrrrrrrrrrr*. Fiz todas as cenas do circo, vários animais, o atirador de facas, tremendo por dentro, num estado de adrenalina incrível. Só eu e minha cabeça, minha imaginação, meu futuro.

107

Imagina só uma menina represada no interior de São Paulo. Quando abriu a porteira, ela veio muito mais feroz do que uma boiada inteira. Ou uma represa, que de repente vê abertas as suas comportas. É um Niágara, é Foz do Iguaçu, vem com tudo, aquela energia não tem onde parar. Tem de deixar a loucura tomar conta mesmo, porque na nossa profissão você não pode perceber muita coisa, porque, se percebe, interrompe o processo artístico e não segue em frente. Tem

que ter uma cegueira inicial. Se você enxergar, acha que vai optar por uma profissão que não tem mercado?

Quando terminou minha cena, lembro que a Miriam encontrou comigo e disse: *Você é louca mesmo, você é um bicho de teatro, um bicho louco*. Nunca esqueci esse comentário nem a sua voz rouca.

108

Entrei na EAD sem saber o que era. Descobri um mundo novo, tudo era muito novo. Tinha um sabor diferente na minha vida, sentia uma espécie de inquietação permanente. Fui ver tudo o que tinha de teatro: leituras, todos os festivais, coisas lindas, Peter Brooke, Bob Wilson, Vitor Garcia, tudo dentro do teatro eu fui aprender a fazer. Na turma um ano na minha frente estavam o Paulo Betti e a Eliane Giardini, Elizabeth Savalla e Neusa Maria Faro são minhas contemporâneas.

Eu morava numa república na Frei Caneca com mais sete mulheres. Depois nós alugamos um apartamento em um predinho na Rua Augusta. Fiquei dois anos em São Paulo, até o final do segundo ano da EAD. Aí fui embora.



Nelson Carega, Anabel Albernaz, Marshall Netherland, Vera e Fabio Pilar. *Theatro Musical Brasileiro*



## Capítulo XXII

### Dias de Política

Essa época foi marcada por grande turbulência política, o ano em que morreu Vladimir Herzog, professor da ECA. Todos os alunos foram ao seu enterro. A realidade me sacudiu. A USP vivia fechada e eu fechada lá dentro. Isso já não me agradava mais.

Queria ganhar dinheiro e fui dar aula no Colégio Anchieta, ali na Consolação, mas perdia a hora, não conseguia acordar. As aulas começavam às oito da manhã, eles mandavam o bedel me buscar em casa. Ele descia e gritava: *Vera!* Eu não agüentava levantar, tinha ficado até tarde treinando esgrima em casa com pau de vassoura, já estava em outro mundo. Não queria mais aquilo e consegui um emprego pertinho da USP, no IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), como desenhista. Eu trabalhava o dia inteiro no IPT desenhando perfis geológicos, mapas geológicos, fiquei dois anos ali.

Quando terminava o trabalho, ia a pé até a EAD, chegava às sete da noite, e voltava para casa às onze. Às vezes ia embora a pé, porque não tinha dinheiro para tomar ônibus.



Caminhava da USP até a Rua Augusta, saía de lá andando, pegava a Cidade Jardim, atravessava a ponte, os cachorros latindo. Não é tão longe assim! Andava com uma poeta, a Cristina Giancesine, que ficava o dia inteiro falando do Fernando Pessoa.



*Quem Tem Medo de Gertrud Stein, com Antônio Abujamra*

Meu mundo foi ficando mais louco, conheci pessoas doidas, e cada vez mais doidas delirantes.

Misturei-me com a cidade, descobri o submundo da metrópole. Fui perdendo a minha identidade e meu desejo de partir voltou. Lembro-me bem da morte do Herzog, me lembro de pensar no que os homens são capazes de fazer uns para os outros, um pouco da minha consciência política começa aí, no enterro do Herzog.

Ele era judeu, teve a lavagem do corpo, que foi embrulhado e enterrado sobre a terra, essas imagens ficaram registradas como se fossem um filme na minha cabeça. Eu me lembro da Clarice, a viúva, que estava lá. Nesse momento desisti da EAD e fui embora para o Rio.



Reencontro com Santo Bertin em Brasília, durante a turnê de *Pérola*

## Capítulo XXIII

### Rio de Janeiro

Até então, só conhecia o mundo através dos livros de capa dura ou das aulas de geografia. Quando me descobri, estava radiante, descendo a Rua Barão de Guaratiba, no Catete, dona do meu destino: sem horários, sobrenomes, desconhecida. E o Sol, o mar, o carioca com o seu chiado, a natureza recortando o horizonte.

Eu tinha 23 anos. Que loucura, né?

Nem terminei a EAD e um geólogo do IPT, de Tatuí, o Santo Bertin, me ajudou a arrumar emprego na Engevix, empresa de engenharia. Perguntei ao Santo se não teria um trabalhinho para mim no Rio e ele me disse que, por coincidência, estavam precisando de desenhistas. E ainda grifou: *Você tem certeza de que quer ir morar no Rio?* Fui para o Rio sem falar para ninguém. Fechei o contrato na Engevix em dezembro e no dia 5 de janeiro de 1976, me apresentei para trabalhar.

Tinha estado no Rio um ano antes, em 1975, para participar do festival de teatro infantil em Arcozelo. A peça era *Tribobó City*, de Maria Clara Machado. Eu era Maria Belezoca.



Ensaio do *Theatro Musical Brasileiro*, com Luiz Antonio M. Correa (época 1860-1915)

O Edwin Luisi estava no elenco. A produção nos levou para conhecer o Rio e eu me lembro até hoje que fomos a Copacabana e descemos na Rua Xavier da Silveira. Atravessei a avenida e fui até o mar. Parei e mentalizei: daqui a um ano estarei morando nesta cidade. Cuidado com o que você pensa diante do mar.



*Medeiamaterial, Salvador*

## Capítulo XXIV

### Casa do Estudante

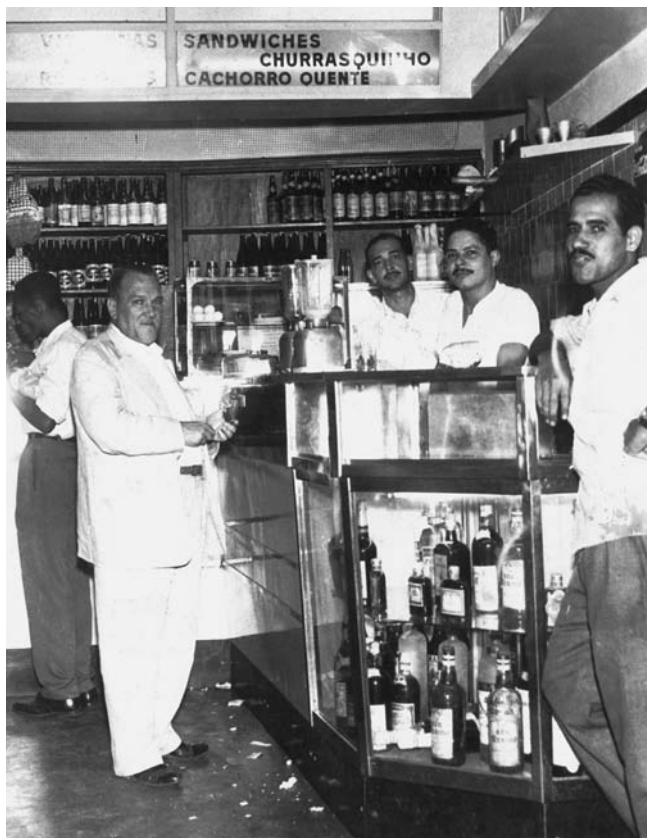
Cheguei ao Rio e não tinha onde ficar. Me lembrei da Leni, secretária do Paschoal Carlos Magno, que tinha conhecido em Arcozelo. Ela tomava conta de um anexo da Casa do Estudante do Brasil, associada à Federação Internacional dos Albergues da Juventude. Fiquei sabendo recentemente, pelo atual presidente da Casa, que durou muito pouco tempo. O tal anexo ficava na Rua Barão de Guaratiba, no Catete, atrás do Hotel Glória. Tem uma delegacia, a 13ª, uns botequins, e numa curva grande tinha uma casa antiga, em cima de uma pedra, com janelas gigantescas. Essa foi minha primeira residência no Rio. Deitada na minha cama, pelos janelões, eu podia ver o Cristo. A partir daí, tudo é novidade.

A Leni me deixou morar nessa casa, o que não era permitido, sua função era receber estudantes estrangeiros. Mas ela aceitou que eu e Maria, uma japonesa, ficássemos morando ali. Não conhecia a Maria ainda, mas nos tornamos grandes amigas, ela ficou comigo muito tempo. Cheguei à casa e não tinha mais ninguém, deitei numa cama beliche e dormi. Acordei com uma mãozinha assim: *Você que é de Tatuí?* Eu falei: *Sou.*



*Também sou do interior, meu nome é Maria. Eu falei: Ih, Maria, nós viemos pra arrasar!*

Levantamos e decidimos ir para a praia. Estávamos descendo a rua quando de repente, pas-



Frederico Holtz, o tio Fred

sando em frente a um botequim, ouço uma voz: *Vera? O que você está fazendo aqui, menina?* Era meu tio Fred, Frederico Holtz, irmão de papai, que morava na Rua Barão de Guaratiba e eu não sabia, olha o que é o destino.

Tio Fred era outro tio maravilhoso, sempre foi muito parecido comigo, tinha fases em que ele desaparecia, passava anos sumido da família. Trabalhava na Casa da Moeda e chegava em Tatuí com tubos de moedas, jogava moeda para todo mundo, lavava o bar com *Seven Up*, era uma farra. E imagina ele ali, me esperando na rua, em pleno Rio de Janeiro! Fui tomar chope com ele, começamos a beber juntos, eu, ele e a Maria. Minha vida com tio Fred no Rio era a cada dia em um bar do Catete. Às vezes acho que fui resgatar o meu tio. Levei ele embora do Rio alguns anos depois. Era um tremendo cervejeiro e eu o devolvi a Tatuí.

121

Morei em tudo quanto é lugar no Rio de Janeiro. Do Albergue da Casa do Estudante, Maria e eu nos mudamos para uma pensão atrás do Caneção, na casa de uma nordestina.

Foi a primeira vez que comecei a ter convívio com a cultura nordestina, a gente se assustava porque ela só comia macarrão com farinha e ovo estalado em cima, todo dia! E tinha café preto,

ela tomava café e comia isso aí. A gente achava aquilo muito estranho.

Ah, que saudades eu sinto da Maria! Morreu cedo, vítima de uma depressão, doença de que não se tinha muito conhecimento na época. Era uma mulher do interior de São Paulo, como eu, e tinha vindo estudar, mudar o rumo da sua vida. Ela teve uma carreira ascendente, se formou em Bioquímica, trabalhou com silicone até virar chefe de um laboratório de próteses. Venceu. Chegou a namorar um conhecido ator carioca. Foi com ele para Nova York e voltou muito feliz, mas trouxe na bagagem os primeiros sinais da doença que a levou. Ela cometeu suicídio.



Liane Lazoski no Central Park, NY

## Capítulo XXV

### Do Rio para Nova York

Nessa época entra na minha vida um personagem de grande importância afetiva: Liane Lazoski. Aquela Vera caipira, extrovertida, intuitiva, solar, encontra o seu contraponto: Liane. Jovem, executiva, bilíngüe, taquígrafa, tradutora, assessora do presidente de uma multinacional e, além disso tudo, uma carioca da Urca. Viramos uma dupla inusitada.

Na noite em que nos conhecemos, Liane estava apaixonada, secretamente. O objeto do seu desejo ia chegar de Nova York pela manhã. Ela estava em dúvida se devia ir buscá-lo. Estávamos numa festa de gente que não conhecíamos, cada uma de nós levada por pessoas que também não conhecíamos bem. Música alta, falação e, no meio da confusão, ela me conta tudo. Para quê? Antes do amanhecer, estávamos dentro de um “frescão”, cantando bossa-nova aos berros, com uma nota de um “barão” no bolso, enormes óculos escuros no rosto, saltos altíssimos e o coração aos pulos, rumo ao Galeão. *Vamos fazer a história!*



*Dias Felizes, Brasília*

Ela me mostrou um outro Rio... e Nova York. Com ela fiz minha primeira viagem internacional, em 1992. Uma festa! Liane e Nova York seguem comigo até hoje. Nossa amizade tem 28 anos. Uso a memória dela enquanto teço a minha biografia.



Mauro Rasi e Vera na festa de *Pérola*, no Copacabana Palace

## Capítulo XXVI

### Carlos Alberto Gonçalves Leite

Logo que cheguei à Engevix, conheci o Carlinhos – geólogo paulista que trabalhava lá e me repassava tarefas de elaboração de desenhos geotécnicos do vertedouro da hidrelétrica de Itaipu Alto. Magro, de rosto encovado e cabelos longos, um tipo bonito de homem. Ele também passava por transformações pessoais, retornava ao Brasil depois de viver sete anos no Chile e Equador como exilado político.

Eu e Carlos nos apaixonamos de forma arrebatadora e, como toda paixão, imediata. Na dinâmica de nossas modificações, deixamos de navegar junto à terra e nos lançamos ao mar, como fizemos numa madrugada nas águas de Copacabana, tirando somente os sapatos.

127

Como escapar daquele envolvimento amoroso se convivíamos cinco dias da semana, na mesma sala, em torno dos mesmos desenhos geológicos? Acabamos por morar juntos. Primeiro em Laranjeiras e depois na Tijuca. Tivemos um bom tempo de vida em comum.

Carlos ampliou meus conhecimentos sobre política e ele próprio: a sua prisão pelo famigerado



DOPS, o significado da ditadura, de como ela afetava nossas vidas e a atividade cultural, e a necessidade de alcançar a democracia em eleições livres e diretas. Também falávamos dos acontecimentos em países onde ele esteve exilado, como o governo de Salvador Allende e o golpe de Pinochet, no Chile.

128

Mas nossa vida também tinha atividades mais triviais. Ensaios de escola de samba, botequins na Lapa e em Santa Teresa, noitadas na gafieira Elite, passeios pela Floresta da Tijuca e Pedra Bonita, escapadas para as praias então ermas e distantes: Recreio dos Bandeirantes, Paquetá, Grumari e Guaratiba, ou Itacoatiara, em Niterói. Fiquei muito mal quando acabei com o Carlos. Separei-me, comprei um pianinho e fui morar em outra vaga de pensão, ali na Dias Ferreira, muito encantadora, no Leblon. Era eu, um colchão, a caminha e o pianinho. Aquilo não prestou. Não dá para contar o que era o Baixo Leblon no final dos anos 70. Aquela moçada da PUC, o pessoal do movimento estudantil.

Trinta anos depois, num dos vários encontros que tivemos, Carlos me disse que também sofreu muito com a nossa separação e que a entende como o desfecho natural das nossas buscas por transformações pessoais.



Ensaio da cena final da novela *Que Rei Sou Eu*, com Jorge Fernando



Com Otávio Augusto, no filme *Bendito Fruto*

## Capítulo XXVII

### Resgate da Arte

Retomei o piano, a primeira forma de arte que conheci. Estava precisando me resgatar, me reaproximar de mim. Acho que o piano é o meu retrato, meu porta-retrato. Ainda hoje tenho um piano na sala de casa, preciso da proximidade com esse instrumento, mesmo que não o abra.

Então conheci Felícia, professora de teoria e solfejo na Pró-Arte, em Laranjeiras, onde fui estudar piano com outra professora, chamada Salomé. Felícia me mandou de volta para o teatro. Inscrevi-me na Uni-Rio e voltei a estudar. Não conhecia outra forma de voltar a fazer teatro que não fosse a faculdade.

Na faculdade tinha o meu grupo, enfim. Fazíamos leituras de textos, participei de várias montagens, já estava me sentindo atriz. Foi aí que conheci meu primeiro Luiz: Luiz Carlos Moraes, aluno do curso de direção, éramos todas apaixonadas por ele. Um homem charmoso, com inteligência brilhante. Mais tarde, conheci o segundo: Luiz Antônio Barcos, meu diretor musical. E depois ainda veio o terceiro: Luiz Antonio Martinez Correa, meu padrinho artístico.

Essas luzes todas se apagaram, e com elas tantas obras que poderiam estar sendo criadas.



*Rasga Coração, 1979*

## Capítulo XXVIII

### *Rasga Coração*

Estava na escola ainda quando, em 1979, o Zé Renato abriu testes para o coro de *Rasga Coração*, do Oduvaldo Vianna Filho. Débora Fontes, que é minha amiga até hoje, era minha colega do curso de teatro na Uni-Rio e morávamos juntas no Jardim Botânico. Ela me incentivou a fazer o teste.

Eu falei: *Ai, será, Débora?* Nós fomos. O Zé Renato avaliava as pessoas por turmas, porque tinha que ter um gordinho, um magrinho, um compridinho, então ele ia testando os grupos de acordo com o tipo físico. Botava a turma lá, mandava cantar, dançar, sei lá o que. Passei no teste.

Ao pegar o elevador, prestei atenção em um gordinho. Sempre tive mania de querer adivinhar o futuro. Olhei para ele e pensei: *Vou namorar esse gordinho.* Quem era ele? Guilherme Karam. Há anos o Guilherme conversa comigo usando o sotaque caipira, quando não relembra frases inteiras que eu teria dito para ele, por exemplo: *Eu quero ser atriz, fio,* usando a língua presa.

O protagonista do *Rasga Coração* era Raul Cortez, e tinha Lucélia Santos, Raul Cortez, Ary Fontoura, Sônia Guedes, Antônio Petrin, um elenco. Foi a primeira peça liberada depois da censura. O Vianinha, já doente, ditou o texto pro Zé Renato. O Vianna morreu e o Zé ficou com os direitos da peça, era uma coisa aguardadíssima. E, surpreendentemente, nós duas passamos no teste.

134

Aí começa minha vida no teatro profissional, com carteira assinada. A partir do momento em que entro no coro do *Rasga*, o resto do mundo deixa de me interessar: era só teatro, teatro, teatro. Não importa minha vida pessoal, onde vou morar, onde não vou morar, eu fiquei só na caixa preta. E foram dois anos de pura alegria.

Tinha experiência zero de palco, os dois anos na EAD me deram noções importantes da ética da profissão, mas saí no final do segundo ano, quando começam as práticas de montagem. Também não sei se queria entrar no palco logo, acho que queria conhecer o mundo do teatro, meus interesses não eram especificamente relacionados à interpretação.

Hoje sim, mas na época eu queria saber de cenografia, iluminação, figurino, adereçaria, gerenciamento, administração. Ficava xeretando os figurinos da Marília Carneiro. A gente usava

peças originais dos teatros de revista do Cassino da Urca, roupas inteirinhas bordadas chegavam à minha mão e eu ficava deslumbrada. Uma das minhas saias do *Rasga Coração* pesava sei lá quantos quilos.

Os turbantes originais da revista, as lantejoulas, os bordados, rebordados, aquelas Carmens Mirandas gigantescas. Eu não queria saber de mais nada, só queria ficar lá. A única coisa que eu sabia era que não sabia nada de prática. Era isso o que me interessava no momento.





*Qualquer Nota, com Stela Miranda, 1987*

## Capítulo XXIX

### Crônica da Comédia Cotidiana

No segundo ano do *Rasga Coração*, fiz uma peça infantil com o Grupo Tapa, *Tempo Quente na Floresta Azul*, onde conheci Teresa Frota, outra amiga carioca, de Copacabana. Dali fiz outra peça infantil, o musical *Queridos Monstrinhos*, onde fui indicada para um prêmio. Fazíamos grandes parcerias, cada amigo que aparecia virava uma vivência importante.

Com a Débora Fontes tive uma experiência muito bacana, depois reencontrei a Wilma dos Santos, que fez Escola de Arte Dramática comigo, que até hoje é o meu tormento. Esbarrei com ela na praia e ela veio morar comigo e com a Débora. Aí começa uma fase engraçadíssima, porque a Wilma é uma palhaça.

137

Nós duas aprontávamos tontices cotidianas. Tinha a maluquice da falta de dinheiro, eu ganhava salário mínimo, sei lá, no *Rasga*. Então saí da casa da Débora e fui morar com a Wilma numa outra casa, no Humaitá, e continuamos sem ter como pagar. Então aterrissamos na Gávea, num apartamento da irmã dela, Maria Vitória, que estava à venda. Ela nos disse: *Posso emprestar para vocês, mas estou vendendo*. Não tinha nada no

apartamento e nós dormíamos vestidas, porque nos finais de semana às 8 horas da manhã já tinha gente querendo ver o imóvel.

Wilma herdava belíssimas roupas da Maria Vitória, uma mais bonita que a outra. Lembro-me de um vestido de *plush*, cor-de-rosa, tomara-que-caia. Era a moda do tomara-que-caia, eu não tirava esse vestido. Inclusive era ótimo para dormir, porque não amassava.



O apartamento tinha umas colchas lindas, era muito chique. A gente chegava em casa às 5 ou 6 da manhã, entrava embaixo da colcha e dormia. Às 8 da manhã tocava a campainha. Nós puxávamos as colchas e botávamos óculos escuros para receber os compradores. A luz e o gás do apartamento estavam desligados. Nossas comidinhas eram banana e bolachas *cream-cracker*. Uma dieta rigorosíssima. Eu e Wilma não podíamos descer com o lixo, porque ninguém podia saber que estávamos vivendo lá dentro.

Do lado do prédio tinha um terreno baldio, nós rodávamos o lixo até ele sair voando pela janela e aterrissar no terreno. O dinheiro só dava para pagar o táxi e o chope, porque a gente não abria mão dos bares do Baixo Leblon e nem do táxi. O Baixo Leblon era povoado de poetas, boêmios, músicos, artistas, filósofos, pensadores. Nessa época conheci um rapaz chamado Sérgio Lafitte, que me disse: *Você não quer perder esse sotaque, Vera?*

Eu não tinha idéia de que isso fosse possível e ele me falou de uma ótima professora de fonoaudiologia, a Glorinha Beuttenmüller, e se ofereceu para me pagar sete aulas.

Aprendi a trabalhar com o meu instrumento vocal, a vibração que sai de dentro, a projeção

e articulação dos sons. Para corrigir o sotaque, obviamente, tinha que fazer muito exercício. Um deles era *AR-ER-IR-OR-UR*. Onde a língua enrolava para trás, eu tinha que aprender a fazer o som diferente, repousando a língua e tocando na papila, suavemente. Além do AR tinha o ORA, do agora. *ARA, ERA, IRA, ORA, URA*.

Em seis aulas entendi o que ela queria dizer, por isso mesmo fui na sétima aula e não paguei, usei o dinheiro para comemorar!

## Capítulo XXX

### A Carteira, a Bunda e a Sopa

Fiquei um tempão trabalhando com o Zé Renato e sempre gostei de aumentar a minha renda. Como meu salário devia ser bem pequenininho no *Rasga Coração*, arrumei maneiras de ganhar um pouco mais. Em uma cena, uma atriz entrava nua, de costas, só de meias e cinta-liga. Pedi pro Zé me deixar fazer a cena e aumentar o meu salário porque, afinal, eu ia mostrar a bunda.

Tinha também uma sopa que era servida para o elenco entre as sessões, eu passei a preparar a sopa. Fazíamos duas apresentações do espetáculo, uma no sábado e outra no domingo. Passava no supermercado na ida para o teatro e comprava tudo. Entre uma entrada e outra em cena no teatro Villa-Lobos, corria lá pra cima, cortava os legumes, cortava a carne, temperava a sopa e colocava a panela no fogo, era um negócio imenso, para um monte de gente. Quando terminava a peça, uma hora e meia depois, a sopa estava quente, pronta para servir com pãozinho. E era mais uma graninha que eu levava. Tinha três salários: da carteira, da bunda e da sopa.

Lógico que tudo isso contribuiu para alimentar um folclore em torno de mim, mas acho que a

gente mesmo faz o próprio folclore. Porque era divertido, eu me divertia com aquilo tudo, e fazia a sopa com capacidade incrível. Imagina você estar em cena, de figurino pesado, maquiagem carregada, cantando para a platéia e pensando na cenoura que tinha que cortar com rapidez! Hoje não cozinho nada, mas sopa eu sei fazer.

## Capítulo XXXI

### Cursos e Cais cursos

Estudei muito. Fiz aulas de canto lírico com o Sérgio Ferreira, que era do coro do Teatro Municipal, com a cantora Alaíde Briani, a dona Alaíde. Depois fui para Alda Pereira Pinto, tive aula com o Pepê Castro Neves, Maria Lúcia Valadão e, por mais tempo ainda, Carol McDavid. Tinha feito dicção com a Mylene Pacheco lá na EAD, naquela época, a Mylene me dava aula particular na casa dela.

Depois vieram Glorinha Beuttenmüller, Ana Frota. Ana foi bacana porque falou assim: *Não perca seu sotaque*. Muitos anos depois, Roberto Frota, seu ex-marido, fazia o namorado da Santana na novela *Mulheres Apaixonadas*. Mylene descobriu meu potencial vocal, Glorinha me ensinou a diminuir o sotaque. E Ana disse: *Seja você mesma, quando você quiser, tira o sotaque, quando você não quiser, não tira. Mas não perca a sua identidade*. Todas essas pessoas me protegeram um pouco. Não posso deixar de pensar nelas com gratidão. Obrigada.

Ainda fiz jazz com o Cláudio Tovar, com a Nádya Nardini, alongamento com a professora Rosane Maia, Antonio Negreiro e Bianca Marinho – com



quem sigo até hoje –, balé clássico com a Maria Luiza Noronha. Fiz interpretação com Antonio Mercado. Participei de seminários e ciclos de debates. Não perdia nenhuma oportunidade de matar minha curiosidade na área teatral.



Equipe e elenco original da *Pérola*, em 1995

## Capítulo XXXII

### Na Mesa com o Raul

Outra pessoa muito importante foi o Raul Cortez. No *Rasga Coração* eu consegui mais um salário, como sua secretária particular. Além de tudo o que já contei, ainda ajudava o Raul a decorar os textos da novela *Água Viva*. Então, quando acabava o *Rasga*, íamos para a casa do Raul, jantávamos, era uma delícia. Ele era casado com a Tânia Caldas, linda, linda. Ela tinha sido modelo, era uma bela mulher.

A Tânia, as coisas da Tânia, tudo era lindo. Eu já tinha percebido que gostava de *design* e decoração. Via aquele ambiente refinado e ouvia uma vozinha: *Opa! É por aqui que eu quero ir, é aqui que quero chegar*. Tinha pouco dinheiro, então jantar no Raul era demais. Eu já estava há anos morando longe da família e aquela comidinha na mesa, servida com tanto carinho, me aconchegava. Decorava com o Raul até tarde. Por sua indicação, até cheguei a fazer uma pontinha em *Água Viva*.



Neusa, minha fiel camareira

## Capítulo XXXIII

### Diga ao Povo que Fico

O Rogério Fróes tinha substituído o Raul Cortez na montagem carioca do *Rasga coração*. Nesta época fui convidada para participar da montagem paulista do espetáculo e ele me disse para eu não fazer isso. *Você começou a plantar sua semente aqui no Rio de Janeiro. Ainda não tem uma árvore, mas tem a sua mudinha. Não saia daqui, faça sua carreira aqui.* Eu escutei e guardei aquilo. Era muito independente, mas escutava e guardava o que me interessava. Decidi ficar e trabalhar muito.

147

Em *Queridos Monstrinhos*, de Paulo César Coutinho, direção de Chico Terpi e Davi Pinheiro, fui indicada para o Prêmio Mambembe de melhor atriz de teatro infantil. Não tinha a menor idéia do que isto significava. Prêmio? Meu papel era o da Bruxa Caxuxa. Na Rádio Mec, fiz *As Doutoradas*, do França Júnior. Participei de montagens de óperas no Teatro Municipal.

Primeiro como figurante (*La Boheme*, *Carmen*) e depois como aderecista, já na Central Técnica de Inhaúma. Com o grupo Tapa, de Eduardo Tolentino, fiz *O Anel* e *a Rosa, Tempo Quente na*

*Floresta Azul e Caiu o Ministério*, onde contracenava com Denise Fraga, ainda menina.

No Teatro Mesbla, *Na Terra do Pau-brasil nem tudo Caminha, Viu?*, direção do Ary Fontoura, fiz uma substituição. A atriz titular adoeceu e eu, em 24 horas, tive de assumir o papel. Ela era *mignon*, manequim 36. Eu era 42 e, para entrar nas roupas dela, botei velcro para tudo que é lado. Corre o boato de que minhas roupas eram tão pequenas que a turma do elevador aguardava minha entrada em cena e apostava se meu peito ia saltar para fora daquelas roupas minúsculas.

148

O elevador ficava retido no andar do teatro enquanto as pessoas esperavam para subir ou descer. Também no Mesbla, com direção de Bibi Ferreira, fiz *E Agora, Hermínia?*

Paralelamente ao trabalho de atriz, participava das montagens como administradora, gerente, assistente de direção e produção, figurinista, sonoplasta, o que viesse.

O Sérgio Britto me escolheu pra ser a Carmen dele, a imagem eterna da Carmen. Então tinha a intérprete, a cantora, e eu era o duplo dela. A cortina ia abrindo e eu em primeiro plano, com a flor na boca, aquela imagem clássica da Carmen,

e, à medida que eu girava, as coisas iam criando vida atrás de mim, e eu me perdia na multidão.

No final a Carmen morria, eu pegava de novo a flor, passava no corpo da Carmen, e terminava o espetáculo novamente com a rosa na boca. Trabalhei com a Celina Sodré na Rioarte, como sua assistente, e também participei como atriz de seus espetáculos *Procura-se uma Imperatriz*, *Motivo simples* e *Sem Sutiã*.

Apreendi com a Celina a cuidar do meu corpo e da minha cabeça. Ela me apresentou dois especialistas; Armando Candal, seu irmão médico - meu ginecologista da via inteira - e Claire, psicanalista com quem reinventei a minha vida.

149

Em *Astrofolias*, musical infantil de Antonio Adolfo, Paulinho Tapajós e Chico Chaves, direção de Lauro Góes, fiz uma estrela e tive a grande oportunidade de gravar uma faixa de um *long-play*. Com esse trabalho, ganhei o prêmio Mambembe de melhor atriz.

Na noite da premiação eu tinha acabado de cantar uma das músicas do *Theatro Musical Brasileiro* – outro marco da minha carreira – em que fazia uma neguinha, junto com o Fábio Pilar. Estava na coxia quando começaram a anunciar os finalistas. E aquela vozinha me soprou antes:

*O prêmio é seu. Improvise o discurso. Fiquei em silêncio e o discurso me veio à cabeça: Eu gostaria de agradecer em nome de todas as pessoas que vêm de longe e são bem recebidas nesta corte, o prêmio foi meu.*

## Capítulo XXXIV

### *Theatro Musical Brasileiro*

*Theatro Musical Brasileiro* é um capítulo à parte. Quando o Luiz Antonio Martinez Correa me chamou, era para fazer produção do espetáculo e comentei que tinha estudado canto lírico. Aceitaria o trabalho de produtora, desde que ele me deixasse cantar *umas musiquinhas*.

As operetas eram cantadas por um quarteto vocal, três instrumentistas, piano, viola e flauta, e voz. Era lindo, lindo, lindo, lindo. Conheci Maneco Quinderê, um grande iluminador, que até hoje debocha de mim porque eu disse: *Maneco! Veja bem como é que você vai iluminar essas coxas aqui, coxas de 30 anos!* Maneco era um moleque na época, eu tinha 33 anos – a idade de Cristo. O *Theatro Musical Brasileiro* foi um sucesso. Na imprensa, tudo era motivo pra falar do espetáculo: ensaios fazendo comparação dos figurinos, dos atores, da montagem, com outras peças da época. Teve um título da crítica: *Pequena jóia reluz imperiosa no Paço Imperial*. Era trabalho, trabalho, trabalho. Corre a lenda de que no teatro você precisa de dez anos para ser conhecida e de vinte anos para ganhar dinheiro. Eu já sabia disso, não precisava falar duas vezes.



Dez anos depois, eu estréio *Pérola*. Em 1995. E a lenda se confirma.



Oswaldo Rasi e Vera na estréia de *Pérola* em São Paulo, 1995

## Capítulo XXXV

### Eu e Meus Outros Eus

*“Eu não procuro, eu acho”*

**Picasso**

Essa frase me inspira a refletir sobre os encontros e desencontros do ator com seus personagens. A curiosidade sempre me impulsionou à busca do conhecimento. Menina, estudei piano, depois me formei em Artes Plásticas e Desenho Geométrico, com especialização em Geometria Descritiva. Mas o grande momento artístico da minha juventude foi sem dúvida a descoberta do mundo teatral, que passou a ser o meu foco principal.

153

Fui conferir seu funcionamento, participei de todos os processos de montagem, luz, cenário, administração e finalmente assisti os ensaios. Ouvei os atores estimulados em leituras de mesa por semanas. Depois, já contracenando, recebi orientação de diretores. O figurino chegando. O ensaio geral. Estréia. Público. Críticas. Crises.

*O tempo para o artista não serve como medida.* Mas esses anos de descoberta foram especiais. Meu encontro com meus outros eus começa em geral com um telefonema.

Um convite nos momentos mais improváveis. É sempre nessas horas que as personagens nos

encontram. *Vera, tenho um papel para você. É a sua cara! Não consigo ver outra atriz fazendo. Lê! Não vou falar nada, mas sei que você vai adorar. Lê e depois a gente conversa.* Leio o texto e esqueço. Deixo minha intuição decidir. O sim e o não se processam.

A luz e a escuridão. O sim me arrasta para o universo da criação. Ali encontro a música, as artes plásticas que, juntas, conspiram a meu favor na construção de uma nova personagem. Vale tudo para conquistá-la.

154 O jogo começa, como aprendi com grandes professores e grandes atores, com o texto. Ler e reler. Sugar todas as informações. Praticar a arte da releitura. Amaciar as palavras, buscar sua “embocadura”, sua sensação. E o mais difícil: domar o meu sotaque. Após esse embate é preciso levantar (literalmente, sair da mesa e ficar em pé) a personagem. A música me acompanha nessa fase, determinando ritmo, melodia e harmonia. Tudo começa a se mover e se projetar no espaço com a tessitura escolhida. É dessa miscelânea que Pérolas e Ornellas, Fannys e Santanas, Quitérias e Ofélias se alimentam.

Da leitura, escrita, composição, projeção, introjeção e, sobretudo, INTUIÇÃO. Quantas vezes eu mesma me surpreendi com uma personagem! Em *Rasga Coração*, recém-saída da UniRio e es-

treando com elenco vibrante, direção inspirada e montagem aguardada após anos de censura.

Com Luiz Antonio Martinez Correa perdi o pudor e pedi para participar do *Theatro Musical Brasileiro*. A atriz estava precisando deixar de produzir e estrear em musicais, lépida e faceira. O texto *Ópera Joyce*, de Alcides Nogueira, com a luz direcional de Márcio Aurélio, propunha um quebra-cabeças de referências culturais, complexo e intrincado. O desejo de decifrá-lo me devolveu a São Paulo, já atriz aceita pela confraria intelectual, elegante e exigente da capital. As personagens de Gerald Thomas traziam como moeda de troca o NOVO, o desafio estético, o risco, a inspiração, a transpiração, a fé. Através de seus olhos pude também me ver como atriz, não mais como produtora teatral.

155

Antonio Abujamra trouxe personagens que me revelaram a abrangência do universo teatral, ampliaram minha visão de mundo, me forneceram informações universais... *É preciso conhecer o movimento do mundo*, ele dizia. Eu fui fazer isso, passo a passo. Outras mulheres que interpretei indicaram novos caminhos para o meu sotaque.

Como Miss Penn Taylor, de *Vamp*, que, por sugestão do diretor Jorge Fernando, usaria o acento inglês. Pérola tinha o meu próprio sotaque, poten-

cializado. Algumas delas me espantaram pela forte presença do elemento feminino, com seus mistérios e enfeites, como a Ornella, de *Belíssima*, e Simone, de *Corpo e Alma*.

Outras me testaram pela briga entre o controle e o descontrole, como a professora Santana, a alcoólatra de *Mulheres Apaixonadas*. Mãe Cândida, de *A Muralha*, presenciou um grande encontro entre os diretores Denise Saraceni, Carlos Araújo e Luiz Henrique Rios, que com sensibilidade me despiram dos cinco anos de *Pérola* e fizeram repousar a guerreira. É nestas personagens que sobrevivo. A distância delas é pura depressão. Cada uma é a semente da semente da verdade do que eu sou.



Em cena de *Vamp*, com Abujamra

## Capítulo XXXVI

### Televisão

De 1980 a 85, fiz pequenas participações em produções da TV Globo e da TV Educativa, no Rio de Janeiro. Em 1986, na novela *Bebê a Bordo*, avisei a todo mundo que eu ia aparecer. E todo mundo parou para ver. Pedi para ninguém piscar, pois era mínima a minha aparição.

Estava no Rio de Janeiro quando recebi um telegrama da Globo: Venha acertar sua participação na novela *Que Rei Sou Eu*. Fui.

Ao chegar à sala do produtor, a secretária me disse: *Vera, o Alcides Nogueira mandou entregar esta passagem para você ir hoje à noite para São Paulo, fazer uma leitura, conforme o combinado, da peça Ópera Joyce.*

157

Nossa! A vida que eu pedi a Deus. E mais passagens e contratos. Fiz, ao mesmo tempo, *Que Rei Sou Eu?*, minha primeira novela, com indicação do Roberto Talma e *Ópera Joyce*, no teatro, dirigida por Márcio Aurélio – eleito o melhor espetáculo do ano em São Paulo.

O ritmo da minha vida mudou. Fazia teatro em São Paulo e gravava novela no Rio. Estava sempre muito bem acompanhada.



*Lamartine para inglês ver*

Meus primeiros passos na TV foram conduzidos por Antonio Abujamra, com quem, logo depois, trabalhei no grupo “F... privilegiados”. O “F...” já começou ambicioso.

Montamos *Phaedra*, *Um Certo Hamlet*, *A Serpente*, múltiplas leituras dramáticas, fomos muito bem recebidos, aclamados, aplaudidos, premiados. Com a dupla Ofélia/Gertrudes, de *Um Certo Hamlet*, ganhei o meu primeiro prêmio de teatro adulto: o Shell.

*Um Certo Hamlet* ficou em cartaz durante seis meses, com casa cheia. Cláudia Abreu fazia o Hamlet. Deborah Evelyn fez o estrangeiro, substituindo Anna Sartor. Era uma aparição nua em pêlo, muito bonita. Aliás, o espetáculo inteiro era muito bonito. Suzana Faini fazia o rei Claudius – “Boceta e poder. Entre a boceta e o poder, o poder. Sempre o poder. Mesmo sem boceta”. Esse era o espírito dos “F...”. Anárquico, ousado, sabido, contundente. Éramos 35 pessoas, a maioria mulheres.

O Abujamra regia – com segurança e conhecimento indescritíveis — essa explosão de hormônios. *É preciso conhecer o movimento do mundo*, dizia. *A vida é sua, estrague-a como quiser. Viajar, sempre viajar, não importa para onde. O amor é horrível. Jovens, envelheçam*. Segui com



essas flâmulas, balançando ao vento, livre, parti, conheci o mundo, o seu movimento, deixei de estragar a minha vida. Ave, Abu! Ainda fizemos juntos *O Retrato de Gertrude Stein quando Homem*, outro texto de Alcides Nogueira.

Em 1986 conheci Gerald Thomas e a sofisticação do teatro experimental. Fiz com ele *Electra Concreta*, o cabelo cortado e descolorido, uma revolução visual, uma mudança de atitude. Mas isso é uma outra história. O resto. E o resto é o silêncio. Eu estava casada com o Caco. Ricardo Coelho, um grande poeta, bem mais jovem do que eu.



Caco Coelho

## Capítulo XXXVII

### Caco Coelho

O Caco me encontrou em 1985. Eu morava num prédio rosa, tombado pelo patrimônio histórico, entre os dois túneis, no Cosme Velho – uma construção antiga, conhecida como “fatia de bolo”. Paulista na praia. Eu estava lá, entre as beldades cariocas, quando o Caco chegou e me escolheu: *Eu quero aquela brancona lá.*

Uma noite dei uma grande festa em casa. O Caco chegou de bombacha e alpargatas. Fiquei meio assustada porque ele tinha um olhar diferente. Entrei no meu quarto, o Caco estava com os braços esticados e as duas mãos apoiadas no batente da porta e me deu um beijo. Eu, para ser moderna, correspondi ao beijo dele. Ele olhou para mim e disse: *Kolynos*. Passei por debaixo do braço dele e fui falar com a Jacqueline, que morava comigo: *Não me deixa com esse moço aqui não, Jacque. Eu não quero esse moço aqui em casa.*

Um dia fomos assistir a um filme, o Caco sentou do meu lado no cinema e botou a mão no meu joelho. No que ele botou a mão no meu joelho, tomou posse. Houve realmente uma comunhão muito grande entre nós, ficamos sete anos juntos.

Fui com ele para o Rio Grande do Sul e a lara, minha sogra, já falecida, fez simplesmente uma festa hollywoodiana de casamento para mim. Casei no folclore gaúcho. Cheguei lá e estava tudo pronto, uma bota do meu tamanho, com a espessura certa da minha panturrilha – que eu tenho a perninha grossa –, um vestido todo de organza branca com bolas vermelhas, arranjo de flores na cabeça, buquê de flores naturais. Eu parecia uma Vivien Leigh dos pampas.

162

Todas as garrafas de vinho tinham no rótulo a minha carinha e a do Caco. Está tudo registrado, uma coisa sensacional a delicadeza da lara comigo. Eu não fiz nada, cheguei pra casar. Conheci o Caco em setembro, no lançamento do *Theatro Musical Brasileiro*, encontrei a lara no dia do aniversário dela, 25 de setembro, e casamos em seguida. Depois eu percebi por quê, o Caco tinha um temperamento de cão: a lara queria que o filho casasse antes que eu descobrisse esse detalhe.

Na realidade, ela me atordoou com aquele casamento sensacional. Foi tudo incrível, a festa aconteceu no Cantegril, que é um clube gaúcho. Quando vi, estava casada, linda, chiquíssima. Não conhecia ninguém, não conhecia nada, não conhecia os amigos, não entendia da cultura, não entendia aquilo direito, mas achava tudo lindo. Tem até uma foto em que estou conversando

com um cachorro que passava por ali. Devo ter perguntado para ele: *Porra, cara, o que é isso tudo? Me explica, por favor, que eu não estou entendendo nada!* Toda vez que eu ia para o Rio Grande do Sul era recebida com grandes churrascos, cantoria, comida gaúcha.

Caco era meu parceiro e me ajudou nesse período da carreira. Como me orienta até hoje. A lara, com a sua generosidade e sabedoria, nos deu uma ajuda econômica fundamental para que eu pudesse ter a cabeça livre para trabalhar no que eu quisesse. Nós tínhamos teto – presente dela –, comida e roupa lavada. O suficiente para viver sem preocupações. E o telefone, um luxo nada supérfluo, era gentilmente cedido – por obra de uma extensão ilegal – pelo nosso grande amigo e generoso vizinho, o ator Mário Borges. Como ele tinha o hábito de acordar tarde, tínhamos permissão para usar a linha até o meio-dia.

163

Uma vez por mês, lara mandava duas passagens para a gente visitá-la em Porto Alegre. Eu sou muito grata à lara Coelho. Caco foi o meu grande companheiro, um amor para sempre. Vai ter seu primeiro filho na idade em que seu pai morreu: 44 anos.

Eu e Caco nos separamos durante as gravações da novela *De Corpo e Alma*, 1992, de Glória

Perez. É a hora em que o público feminino começa a conversar com as minhas personagens, revelando segredos e compartilhando sua vida quando me encontrava nas ruas. Eu fazia a Simone, casada com o Guedes, vivido pelo ator Ewerton de Castro. Guedes era um homem formal dentro de casa, tudo tinha de ser feito de maneira impecável.

Fora de casa era permissivo, freqüentava pagodes, mantinha encontros com outras mulheres, comia lingüiça, tomava cerveja. Até que a Simone se revolta e realiza a sua paixão por um *stripper* do Clube das Mulheres, o Gino, personificado por Guilherme Leme.



Guilherme Leme

## Capítulo XXXVIII

### Guilherme Leme

Eu também me apaixonei pelo Guilherme Leme. E com ele veio a Bahia e uma nova Vera. Guilherme me deu o axé, uma leveza, uma alegria, a volta aos carnavais, e a *Medéiamaterial*.

Fomos morar num hotel em Salvador, no Corredor da Vitória, nosso santuário, de onde avistávamos uma paisagem única: a Baía de Todos os Santos, com o Sol sempre nos iluminando e a ilha de Itaparica nos observando.

Do meu quarto, eu ficava olhando o Guilherme lendo lá embaixo. Era uma visão: o mar e um amor. Um amor como o mar: forte, profundo, violento, barulhento, denso e misterioso.

A Bahia me deu Cecé, Maria Célia, minha grande amiga. O Guilherme foi embora da Bahia e eu fiquei por mais seis meses. Só voltei para fazer *Fera Ferida*, em 1994.

Me despedi de Salvador muitas vezes. Sempre voltei atrás. Tanto a partida quanto a desistência era comemorada com festas. A Bahia me salva, me dá vida nova, me dá novo gás.



Mauro Rasi

## Capítulo XXXIX

### *Pérola*

Em 1994, Mauro Rasi me liga e avisa que vai mandar um texto para eu ler. O texto já vinha com a etiqueta: *Você tem que fazer. É o papel da sua vida*. Ficamos em cartaz até 1999. *Pérola* é minha pós-graduação, o meu doutorado. Uma redenção. Por cinco anos, vivi meu momento *superstar*. Mauro Rasi me deu essa grande chance. E eu sustentei uma grande protagonista da vida dele.

Eu não o conhecia. Sabia que era de Bauru, mas isso não era motivo para uma proximidade. Conhecia sua obra teatral, tinha assistido quase todas as suas peças, mas nunca tinha passado pela minha cabeça que o meu grande encontro com o teatro seria junto com ele. Bauru e Tatuí. Em *Pérola* eu pude homenagear todas as mulheres da minha família: um pouco de Holtz, um pouco de Fraletti, uns toques da tragicomédia do Abu, um pouco de Bauru, um pouco de Tatuí. Estreamos no Teatro do Leblon, com Sérgio Mamberti no papel de Vado, Oswaldo Rasi, pai do Mauro. Foi o último nome que fechou no elenco e seguiu com a peça até o fim. Emílio de Mello fazia o Mauro. Sonia Guedes, a tia Norma. Contávamos ainda



com os talentos de Carol Aguiar e Edgar Amorim. E a voz de Sonia Zaguri. Entre a temporada de estréia no Rio, duas passagens por São Paulo e duas turnês nacionais, fiz mais de 800 apresentações: cinco anos em cartaz, sempre com a casa lotada. Ganhamos quase todos os prêmios.

Reencontrei os amigos todos de São Paulo que não via há muito tempo, todo mundo foi ver *Pérola*. O pessoal com quem morei nos albergues, nas vagas, nos apartamentos, nas repúblicas. Viajei o Brasil todo, tive grandes momentos de comunhão com o público, fiz grandes viagens para o exterior, fui a Londres, Paris, China, Índia, Malásia, Cingapura.

168

Fiz um patrimônio, comprei um apartamento no Rio, outro em São Paulo, comprei a casa dos meus pais em Tatuí. Encerramos a carreira do espetáculo em São Carlos, um pouco antes de Barretos, onde acontecia a festa do peão de boiadeiro. Eu não sabia se parava ou não parava a *Pérola*. A essa altura a *Pérola* tinha virado uma missão, como deixar de representá-la? Fui à missa. Eu e a equipe técnica, que sempre ficou comigo, e o Geraldo Malheiros, produtor, grande cúmplice e parceiro.

A parábola do evangelho daquele dia era assim: "A porta que Deus abre, Deus fecha; e a porta

que Deus fecha só Ele abrirá”. Levei a parábola a sério, como se fosse uma revelação. De volta ao teatro, anunciei o final da carreira da peça. Ao voltar para São Paulo, peguei um congestionamento de seis horas. Durante esse tempo, pude refletir sobre a importância dessa personagem em minha vida.



Vera, Ana Letícia e Jurandir Bueno, companheiros de viagem, no aeroporto de Milão

## Capítulo XL

### A Viúva Pérola

*Pérola* é uma obra autobiográfica. A Pérola é a mãe do Mauro Rasi, que já tinha morrido. A peça começa assim: *Mamãe morreu. Seu enterro foi ontem. Esta é a primeira manhã sem ela.* E toda sua memória vem à tona, o Mauro vai lembrando de tudo, da irmã dele, da casa da família, da vivência do casal. Além de autor da peça ele era o diretor, e viu o espetáculo todos os dias durante um ano. *Vera, aqui você não pode fazer isso. Não está certa sua intenção.*

171

Eu era bem tranqüila, ouvia tudo, e nós dois juntos fomos amarrando o espetáculo. Às vezes a gente brigava. O Mauro me ajudou muito a fazer a *Pérola*.

O fato é que fiz tanto a *Pérola* que num determinado momento eu e ela nos fundimos. Quando morreu o pai do Mauro, ele passou para me pegar em Tatuí para me levar até Bauru. Era final do ano, dia 23 ou 24 de dezembro, véspera do Natal. Saída de feriadão, Mauro pegou trânsito na estrada, fiquei esperando por ele na casa da minha irmã.

Chegamos juntos ao enterro, ficamos de mãos dadas ao lado do caixão e as pessoas vinham me cumprimentar! Eu era a Pérola (já falecida) viúva do Vado. Pela primeira vez misturei ficção com realidade. Vado foi ver a peça várias vezes, ficava muito emocionado.

Em seu enterro a Pérola do teatro se misturou mesmo com a verdadeira, virou uma coisa só. Ali eu não era nem Vera Holtz e nem Pérola, era um elemento novo. Nasceu ali uma entidade.

172

Enterramos o Vado ao lado da Pérola, depois agradecemos a Pérola no cemitério. Eu tinha muito a agradecer. Minha vida profissional se divide em antes e depois da *Pérola*, se eu não tivesse feito a *Pérola*, não sei que rumos teria tomado minha carreira. Tem uma Vera antes e outra Vera depois.

*Pérola* foi montada na Argentina, protagonizada por Soledad Silveira. Estivemos presentes na estréia e Mauro tinha planos de fazer o filme. Gostaria de ter uma atriz espanhola no papel título. Mauro faleceu recentemente e é uma perda inexplicável. Ele continua presente com seu humor, seu mau humor, sua sensibilidade e sua dureza, sua criatividade e seus mistérios.

Por meio de Mauro conheci Jurandir Bueno, e com ele veio Ana Letícia, e ambos se tornaram meus grandes companheiros de viagem. Com eles fui à Índia, Cingapura, Tailândia, China, Peru...



Sergio Mamberti, Emilio de Mello e eu, *Pérola*

## Capítulo XLI

### O Revés de *Pérola*

O sucesso é uma coisa estranha, ele te isola, por mais gregária que você seja. Ninguém sobrevive impune ao sucesso. Eu tinha engordado dez quilos, estava exausta, não conhecia mais as pessoas, tinha ficado cinco anos fora de casa, morava aqui, morava lá, morava no mundo. Vivia no avião. Fiz *Pérola* cansada, gripada, com furúnculo, com alergia, com indigestão. A gente faz teatro de qualquer jeito, em qualquer estado. Começou, foi. Passa tudo, a voz volta, o estado de humor muda, é um grande remédio.

175

Deu o terceiro sinal, pode ir embora, tá em campo. E fim. Fiz *Pérola* para cerca de 300 mil pessoas, são dois Maracanãs lotados. Se eu fosse o Mick Jagger, juntava essa platéia toda em duas sessões, sensacional! Mas teatro não aceita multidão, teatro é artesanal, é uma jóia rara, uma caixinha que você abre de surpresa, escura, que vai se iluminando, o teatro é delicado, tem que ser tratado dessa forma. Não adianta você querer colocar o teatro no varejão. Ele é pequeno, singelo, precisa desse tratamento. O teatro é um universo com suas próprias leis.





*Theatro Musical Brasileiro*

O Antonio Abujamra sempre me dizia: para ser protagonista, você tem de ter temperamento de protagonista. Primeiro em cena, obviamente, porque ela estabelece o ritmo do espetáculo. Segundo, comportamento de protagonista com o restante do elenco, para manter o equilíbrio. Tudo isso eu fui aprendendo. A *Pérola* me deu essa oportunidade. E me deu o Giovanni Garcia.



Giovanni Garcia

## Capítulo XLII

### Giovanni

Giovanni era o contra-regra do Mauro. Lindo, jovem, de olhos verdes. Um dia, eu estava experimentando o figurino e entrei no camarim para trocar de roupa. Nisso a porta abre e o Giovanni me vê nua. Eu me escondi como pude e na hora pensei: *Se ele viu esse pedacinho e gostou, posso mostrar mais um pouco.*

Sei que um belo dia ele foi até a minha casa e ficou lá por um bom tempo. O Giovanni era aquela pessoa gostosa que estava do meu lado durante a peça e, depois que terminava o espetáculo, em vez de sair sozinha pela porta dos fundos do teatro, eu saía pela frente, cheia de vida, força e vitalidade. Ele foi um grande companheiro nesse período. Porque a *Pérola* era uma obra de muito sucesso, era maravilhoso sair nas revistas, dar depoimentos, isso tudo vai formando sua personalidade como atriz. Porém, depois dos aplausos, você se vê sozinha no camarim. A presença do Giovanni reverteu esse processo. Quando terminava a peça, terminavam os aplausos, eu não estava sozinha. Tinha uma bela companhia para ir para casa. Ele era 17 anos mais novo do que eu. Às vezes

perguntavam se era meu filho. E eu respondia:  
*Não. Ele é o meu anjo.*

Nossa história durou o que *Pérola* durou. Mas,  
assim como *Pérola*, vai ficar para sempre na mi-  
nha vida.

## Capítulo XLIII

### *Por Amor*

Na minha viagem à Índia, Cingapura e Tailândia, encontrei vários fãs de novelas brasileiras. E encontrei também uma grande fã: eu mesma.

Tive um outro olhar para essa grande produção que é a teledramaturgia brasileira.

Fui reconhecida por um casal de ucranianos em Nova Delhi, por uma iraquiana no aeroporto de Cingapura, que me olhava com idolatria, queria me tocar, porque estava assistindo *Por Amor*.

181

Nessa novela, eu fazia o papel de Sirléia – uma esposa traída pelo marido que, ao saber disso, dá uma surra no safado. Imaginem, no Iraque, uma mulher que bate no homem!

O casal de ucranianos me revelou que era um dia especial para eles, por estarem conhecendo uma atriz brasileira.

Numa das minhas viagens com a Liane a Nova York fui surpreendida por gritos vindos de uma caminhonete: *Tia! Tia! Uga-Uga!* A novela fazia um tremendo sucesso nos canais latinos, isso eu sabia. Mas aquela fã era americana!



Fernando Guimarães

## Capítulo XLIV

### Fernando Guimarães

Fernando abriu para mim todos os livros que eu não tinha coragem de ler e todos os caminhos que tinha medo de seguir e, mais do que tudo, me introduziu ao mundo da arte conceitual contemporânea. Ele apareceu na minha vida no período pós-*Pérola*, para me convidar para fazer uma peça de teatro. Fazer teatro era a última coisa que passava pela minha cabeça naquele momento.

Estava indo para a Índia quando Fernando e Adriano, seu irmão, me convidaram para participar do projeto *Felizes para Sempre*, inspirado na obra de Samuel Beckett. Minha participação seria atuar na obra *Dias Felizes*.

Fernando chegou ao meu apartamento de São Paulo com as fotos que tinha trazido de Brasília, onde ele mora. A primeira coisa que notei foi uma familiaridade com os objetos utilizados em cena: eu tinha peças semelhantes na minha casa. E o levei para ver. Ficamos conversando a tarde toda. Ele chegou em casa às duas da tarde e não saiu antes das seis.



Quando foi embora, informei a minha sobrinha: *Luciana, eu vou namorar esse homem aí.* E disse sim para o trabalho e para o pedido de namoro. Usei meu velho método de conquistar e descartar, mas Fernando foi persistente e me ganhou. Estamos juntos há cinco anos e ele me conquista um pouco mais a cada dia. Continuamos comprando muitos livros.

## Capítulo XLV

### *Presença de Anita*

Depois de 99, fiquei mais envolvida com a televisão. Fiz *A Muralha*, *Uga-Uga*, *Presença de Anita*, *Desejo de Mulher*, *Mulheres Apaixonadas*, *Cabocla* e, finalmente, *Belíssima*. Entre uma e outra produção, trabalhei com o Fernando Guimarães em seus projetos, viajando pelo Brasil.

Em *Presença de Anita* fiz a minha primeira cena de sexo plena, inteira. A cena deu o que falar. No dia da gravação todo mundo alertava: *Defende a Vera, defende a Vera*, para não aparecer mais do meu corpo do que era necessário. O diretor era Ricardo Waddington, que é supercuidadoso. O Taiguara Nazareth, que não bebe, tinha gravado uma cena logo cedo tomando cerveja. Nossa cena de sexo seria gravada à noite. Foram as primeiras cenas de gravação da minissérie inteira, em Vassouras. Era uma quarta-feira, me lembro até hoje. Ele falou: *Estou perdido*.

Não tive a menor dificuldade. Desci para gravar, o Ricardo mandou esvaziar o lugar, era uma locação no fundo de uma casa antiga, um quartinho acanhado com uma caminha de mola.

A gravação é toda picotada, o Ricardo ia desenhando a cena: *Agora você se joga pra trás, Agora você vai subir em cima dele, Agora passa a mão, eu passava a mão, lambia debaixo do braço dele, foi uma entrega total, uma brincadeira, um jogo divertidíssimo, algumas das cenas nem foram para o ar. Agora vamos fazer a parte de baixo, pula em cima da cama, eu pulava e as molas rangiam.*

Meu pai já tinha falecido nessa época, o que facilitou muito para mim. Toda vez que tinha cena



Angela cuida da minha casa no Rio de Janeiro

de beijo nas minhas novelas, eu tinha de avisar mamãe com antecedência e ela dava um jeito de tirar papai da sala, porque ele não podia assistir. Ela, minha cúmplice, servia o jantar na cozinha.

Foi assim em *Que Rei Sou Eu*. Tinha uma cena em que a Fanny revela sua paixão ao príncipe Pichot (Tato Gabus Mendes). Na hora da gravação, eu não conseguia me concentrar. Tinha que falar: *Ai, porque eu te amo*, e em seguida beijá-lo. Gravei umas cinco vezes, porque não conseguia nem falar e nem beijar. O subtexto era o meu pai assistindo e, provavelmente, levantando da cadeira e saindo da sala, dando as costas à TV.



## Capítulo XLVI

### *Mulheres Apaixonadas*

A professora Santana, personagem criada por Manoel Carlos que enfrenta um problema de alcoolismo, teve uma semelhança com Pérola: pela segunda vez na vida, vivi uma personagem que ultrapassa os limites, fica maior que o veículo.

Quando terminei a novela, fui convidada pelo AA (Alcoólicos Anônimos) para falar aos alcoólicos, fiz a finalização de um curso para dependentes químicos em Curitiba, recebi homenagens. A cena de recaída da Santana, em que ela vai preparar um jantar para o namorado e toma o vinho de cozinha, passou a ilustrar as aulas. A cena tem 20 minutos e é considerada uma obra-prima. Quando o namorado chega para o jantar, a encontra totalmente bêbada.

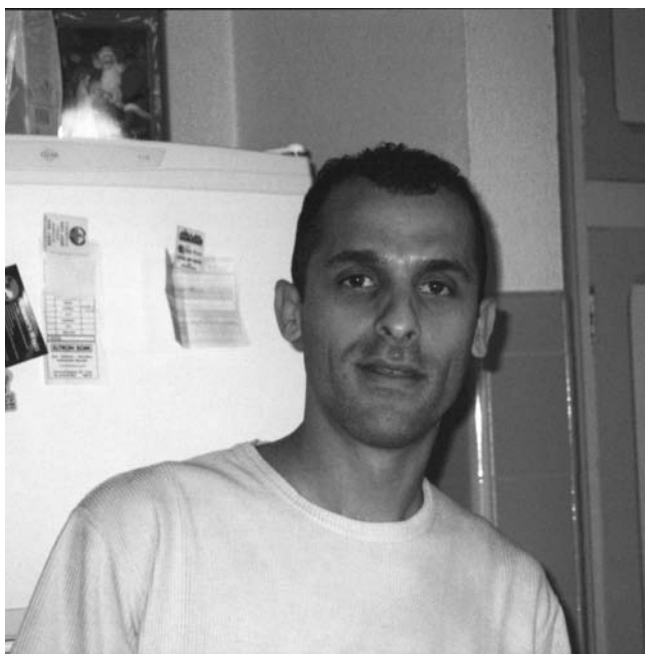
189

Muita gente se identificou com essa situação, já que 15% da população brasileira é alcoólista, 5% de mulheres e 10% de homens.

Quase todo mundo tem um na família, ouviu falar, convive de alguma forma com a doença, é o pai de alguém, quando não o seu próprio. É como falar de arroz com feijão, todo mundo conhece. Alcoolismo é um assunto seriíssimo.

Claro que o brasileiro também adora fazer piada de tudo, corria uma foto minha na Internet com a legenda: Santana movida a Álcool. O *Casseta & Planeta* também fez uma sátira da personagem, chamada *Só Cana*. Nunca tinha acontecido isso. É o máximo você cair dessa maneira no gosto popular.

Interessante que, no começo da novela, Santana era uma personagem periférica. Tive de ter



Fernando, meu fiel motorista

paciência. Pegava os capítulos e às vezes aparecia em uma, duas cenas. Foi como o vinho, que teve de envelhecer. São as “personagens envelhecidas”, como eu chamo, que vão ficando melhores com o passar do tempo.





Guilherme Sechin e Analu Prestes, amigos do Rio

## Capítulo XLVII

### Cinema

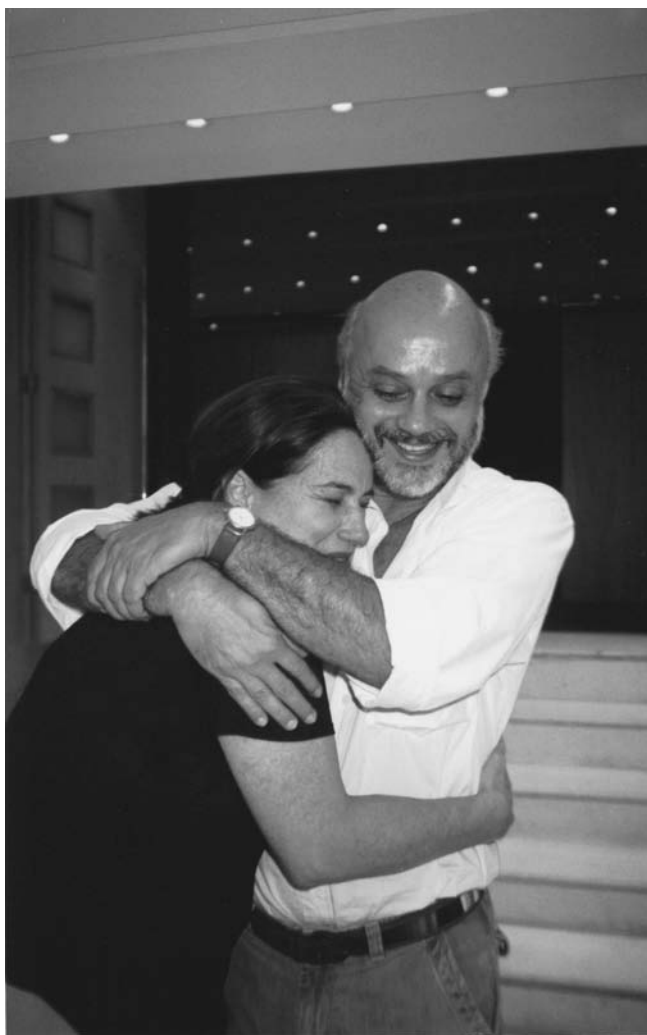
Minha primeira participação em cinema foi no primeiro longa da Suzana Moraes – *Mil e Uma*, 1992. Eu fazia a secretária do José Lewgoy. Nós filmávamos no Palácio Capanema. Em 1993 fiz o primeiro curta da Monique Gardemberg, *Diário Noturno* – era uma depiladora sadomasoquista.

A partir de 1994 fiz várias participações: no primeiro *Menino Maluquinho* fiz a professora, direção de Helvécio Ratton; *Assim na Tela como no Céu*, um longa de Roberto Miranda; *Tônica Dominante* da Lina Chamie; *Capitalismo Selvagem*, de André Klotzel; *Carlota Joaquina*, da Carla Camurati; *Vicente* e *Nos Tempos do Cinematógrafo*.

193

Em 2001 filmei *Bendito Fruto*, de Sérgio Goldenberg, lançado em 2005. Adorei o filme, é um olhar apaixonado pelo bairro de Botafogo.

O Sérgio é maravilhoso, foi muito legal. Em 2003 fiz *Apolonio Brasil*, do Hugo Carvana. Em 2004, *Anjos do Sol*, do Rudi Lagemann.



Amigão e ex-vizinho, o ator Mário Borges

## Capítulo XLVIII

### Cerimônia de Passagem

Em 2004, recebi um telefonema inusitado. Estávamos quase no final do ano e uma pessoa que eu não conhecia me sondava para saber se eu tinha vontade de substituir a Irene Ravache em *Intimidade Indecente*, que já estava em cartaz há três anos. Fiquei assustada e levei uma semana para decidir. Depois pensei: Por que não? Fiquei cinco anos em cartaz com *Pérola* e também passei por situação semelhante: estava cansada, queria ser substituída. Um espetáculo longo é um casamento que você não escolheu.

195

Quando comecei a ficar desgastada das relações pessoais e de repetir as mesmas coisas, passei a esquecer o texto, dar risada, parei de reverenciar o ritual. Pensei em alguém para me substituir e ouvi o comentário: *A Pérola é você. Eu dizia: Não sou a Pérola, sou a Vera Holtz, a Pérola é uma personagem. Uma atriz com muita inspiração vai conseguir fazer a Pérola.* Enfrentei muitos preconceitos, ninguém aceitava a idéia de uma substituição.

As pessoas não gostam de ser comparadas, assumir o papel que alguém deixou parece uma coisa menor, algo que foi descartado, deixado de lado.

Criamos uma crônica. Chamei a Irene Ravache e o Marcos Caruso, os atores da peça, e combinamos que a noite de reestréia seria especial. Ela entrou em cena e começou o espetáculo, para surpresa da platéia de convidados, que esperavam a Vera Holtz.

Passados alguns minutos, ela pára a peça e declara que não agüentava mais ouvir o Caruso falar as mesmas coisas e precisava de alguém competente para seguir com a peça: *Vera Holtz*,



*Um certo Hamlet*, com Cláudia Abreu

*por favor, venha me substituir. Saí da platéia e continuei a peça. Fomos aplaudidíssimas!*

Era como se as pessoas tivessem sido chamadas para “perdoar” aquela heresia. E para “autorizar” a passagem.



*Ópera Joyce, de Alcides Nogueira*



Em cena de *Intimidade Indecente*, com Marcos Caruso

## Capítulo XLIX

### Pai e Mãe – Ouro de Mina

Em setembro de 2005 fez um ano que minha mãe morreu. O sofrimento da perda me libertou. Quando você perde a mãe, deixa de ser filha, e eu ainda não tenho filho, então virei mulher. Mãe esteve doente durante dois anos. Cuidamos dela, eu e minhas irmãs. Tomamos providências para que tivesse tudo em casa: conforto, carinho, companhia, atenção.

A morte da mamãe me lembrou das dificuldades de relacionamento que tive com papai. Ele foi um homem muito bom, muito generoso, fazia muita filantropia, mas dentro de casa era aquele cara rígido e disciplinador.

199

Na adolescência, quando ele implicava com meus namorados e não me deixou ir ao baile *hippie*, me afastei dele. Bem mais tarde, depois de pensar muito nele, vi que nossa ruptura foi boa por um lado, porque eu nunca teria abandonado o meu pai. Então, se não acontecesse o conflito, eu talvez não tivesse saído de perto dele. Algumas pessoas, por visão ou intuição, sempre foram me empurrando na vida.



Meu pai nunca deixou que ninguém pedisse dinheiro pra mim, que ninguém interferisse no meu ganho. Ele dizia: *Você começou a ganhar dinheiro com 40 anos, tem que juntar um patrimônio, faça o seu pé-de-meia, minha filha.* Esse negócio de pé-de-meia me acompanha desde criança, eu tenho que ter o tal do pé-de-meia.

200 Ele me viu fazer sucesso, acompanhou a explosão da *Pérola*, assistiu a estréia da peça em São Paulo. Quando meu pai morreu, em 2000, eu estava em Nova York, passando um mês com a Liane e a Analu Prestes. Nós tínhamos planejado tanto essa experiência e, de repente, ela não estava significando nada.

Todos os dias acordávamos e seguíamos o mesmo ritual: café, Central Park, museus, vitrines, galerias de arte, teatro. No décimo dia, tudo estava nublado: o céu, as vitrines, o teatro, os museus. Olhei para a Liane e disse: *Graças a Deus já comparamos tudo. Vamos embora?*

Algumas horas depois, recebi um telefonema da Rosa, minha irmã, com um tom de voz que dizia tudo. Papai estava internado com pneumonia. A situação era grave. Voltei imediatamente.

Foi a viagem mais longa da minha vida. Acho que minha relação com papai se explica em uma cena:

eu estava sendo homenageada no *Domingão do Faustão*. Papai foi entrevistado e quando Faustão perguntou: *E aí, seu José Carlos, a Vera deu muita preocupação?*, ele respondeu, calmamente: *Minha filha nunca me deu preocupação, só saudades*. Ali tive certeza de que não havia mágoa nenhuma entre nós. Ele morreu alguns meses depois. Me deixando essas palavras de adeus.



## Capítulo L

### Aqui e Agora

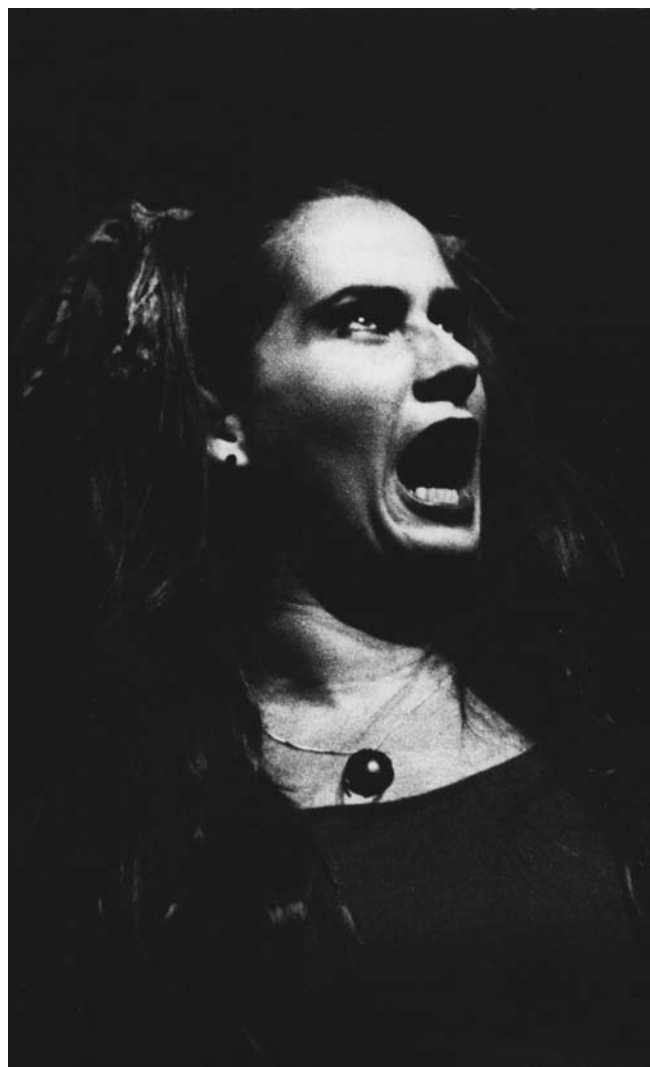
Para mim a vida está sempre recomeçando, eu acabei de cair na real a semana passada. Não tem esse negócio de idade, estou com 53 anos, falo dos meus 53 anos sem o menor problema, nunca tive crise de idade. Me inventei uma vez, posso reinventar mil outras vezes.

Um dia, cheguei ao consultório da Dra. Claire, depois de um mês conversando, sentadinha na cadeira, olhei para ela e falei: *Estou enjoada dessa vida*. Ela desafiou: *Vamos inventar outra?* Eu respondi: *Vamos*. Ela concluiu: *Deita aí no divã*.

203

Então, essa é a minha história... por enquanto.

Agradeço aos Fraletti e aos Holtz que me ensinaram a viver. Assim como sou. Ofereço este livro à tia Anita Holtz Merége e a Paulo Fraletti, que continuam me ensinando.



## Cronologia

### Televisão

#### 1980

*Queridos Monstrinhos*, de Paulo César Coutinho. Espetáculo de teatro gravado pela TV Educativa – RJ. Direção: Sérgio Dionísio

*Coração Alado*, de Janete Claire. TV Globo  
Direção: Roberto Talma/Paulo Ubiratan.

#### 1981

*O Ex-Presidiário*. Direção: Maurício Sherman. TV Educativa – RJ

205

#### 1982

*Quem Ama não Mata*. De: Euclides Marinho. Direção: Daniel Filho. TV Globo

*Parabéns pra Você*. De: Bráulio Pedroso. TV Globo  
Direção: Dênis Carvalho e Marcos Paulo.

#### 1983

*O Ídolo*. Texto de Gonçalves César, adaptação de Aguinaldo Silva. Direção: Luiz Antonio Piá. TV Globo

#### 1984

*Qualificação Profissional*. Direção: Cunha/Demer-  
val. TV Educativa – RJ

**1985**

*Educação para a Saúde*. Direção: Cunha/Demer-  
val. TV Educativa – RJ

*Corpo a Corpo*, de Gilberto Braga. Direção: Dênis  
Carvalho. TV Globo

**1988**

*Que Rei Sou Eu*, de Cassiano Gabus Mendes.  
Direção: Jorge Fernando. TV Globo

**1989**

*Desejo*, minissérie de Glória Perez. Direção: Wolf  
Maya. TV Globo

206

**1990**

*Top Model*, de Walter Negrão e Antônio Calmon.  
Direção: Mário Márcio Bandarra, Fred Confalo-  
nieri e Roberto Talma. TV Globo

**1991**

*Barriga de Aluguel*, de Glória Perez. Direção:  
Wolf Maya. TV Globo

*Vamp*, de Antonio Calmon. Direção: Jorge Fer-  
nando. TV Globo

**1992**

*De Corpo e Alma*, de Glória Perez. Direção: Ro-  
berto Talma. TV Globo

**1993**

*Fera Ferida* – de Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn. Direção: Dênis Carvalho, Marcos Paulo e Carlos Magalhães. TV Globo

**1994**

*O Compadre de Ogum* – adaptação de Geraldo Carneiro e João Ubaldo Ribeiro do conto de Jorge Amado. Direção: Roberto Talma. TV Globo

**1995**

*A Próxima Vítima* – de Silvio de Abreu, Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira. Direção: Jorge Fernando. TV Globo

207

**1996**

*O Fim do Mundo* - De Dias Gomes. Direção: Paulo Ubiratan. TV Globo

**1998**

*Por Amor*, de Manoel Carlos. Direção: Paulo Ubiratan. TV Globo

**1999**

Participação no seriado *Mulher*, de Daniel Filho, Antônio Calmon e Elizabeth Jhin. Direção: Daniel Filho. TV Globo

*A Muralha*, de Maria Adelaide Amaral. Direção: Carlos Araújo e Luis Henrique Rios. TV Globo



**2000**

*Uga Uga*, de Carlos Lombardi. Direção: Wolf Maya. TV Globo

**2001**

*Presença de Anita*, de Manoel Carlos. Direção: Ricardo Waddington e Alexandre Avancini. TV Globo

**2002**

*Desejos de Mulher*, de Euclides Marinho. Direção: Dênis Carvalho e José Luiz Villamarim. TV Globo

208

*Mulheres Apaixonadas*, de Manoel Carlos. Direção: José Luiz Villamarim, Rogério Gomes e Ary Coslov. TV Globo

**2004**

*Cabocla*, de Benedito Ruy Barbosa. Direção: Herval Rossano. TV Globo

**2005**

*Belíssima*, de Silvio de Abreu. Direção: Denise Sarraceni

## **Teatro**

**1975**

EAD – *Feiticeiras de Salem*, de Arthur Miller.  
Direção: Alberto Guzik

**1975**

EAD – *Tribobó City*, de Maria Clara Machado.  
Direção: Terezinha Aguiar

**1978**

UNIRIO – *Visões de Simone Machard*, de Bertold Brecht. Direção: Antonio Mercado

**1978**

UNIRIO – *O Interrogatório*, de Peter Weiss. Direção: José Eudes de Alencar

209

**1979**

UNIRIO – *Cidade Assassinada*, de Antonio Callado. Direção: Juracy Chamarelli

**1979**

Museu 1º Reinado – *Procura-se uma Imperatriz*, Criação Coletiva Grupo Diga ao Povo que Fico.  
Direção: Celina Sodré

**1979/80**

Estréia profissional em *Rasga Cora o*, de Oduvaldo Vianna Filho. Dire o: José Renato

**1980**

*Queridos Monstrinhos*, de Paulo César Coutinho. Indicação Prêmio Mambembe de Melhor Atriz de Teatro Infantil. Direção: Chico Terto e David Pinheiro

**1980**

Rádio MEC, RJ – *As Doutoradas*, de França Júnior. Direção: João Bettencourt

**1981**

*Carmem*, de Bizet. Direção: Sérgio Britto

*O Anel e a Rosa*, de W.M. Thackeray. Direção: Eduardo Tolentino

210

*Na terra do pau brasil nem tudo caminha, viu?*, de Ary Fontoura. Direção: Ary Fontoura

**1982**

*La Bohème*, de Puccini

*E Agora, Hermínia?*, de Claude Magnier. Direção: Bibi Ferreira

**1983**

*O Dia em que Alfredo Virou a mão*, de João Bettencourt. Direção: João Bettencourt

*Tempo quente na floresta azul*, de Orígenes Lessa. Direção: Eduardo Tolentino

*Motivo Simples*, de Celina Sodré (adaptação do *Inventário das Cinzas*, de Raquel Jardim). Direção: Celina Sodré

#### **1984**

*Último Tango em Huahuatenco*, da San Francisco Mime Troupe. Direção: Marcio Augusto

*Sem Sutiã – uma Revista Feminina*, de Celina Sodré e Fátima Valença. Direção: Alice Viveiros de Castro e Celina Sodré

#### **1985**

*Astrofolia*, de Antonio Adolfo, Paulinho Tapajós e Xico Chaves. Direção: Lauro Góes

211

Gravação da canção *Estrela Cadente* no disco *Astrofolias* e Prêmio Mambembe de Melhor Atriz de Teatro Infantil

*Caiu o Ministério*, de França Júnior. Direção: Celso Lemos.

*Theatro Musical Brasileiro (1860/1914)*, roteiro de Marshall Netherland e Luiz Antonio Martinez Corrêa. Prêmio MINC – Troféu Mambembe – Melhor espetáculo do ano e melhor direção

#### **1986**

*Mahagonny*, de Bertold Brecht e Elizabeth Hauptmann, música de Kurt Weill. Direção:

Luiz Antonio Martinez Corrêa. Direção musical:  
Tim Rescala

**1986/1987**

*Electra Concreta*, de Gerald Thomas

**1988**

*Qualquer Nota*, roteiro Flávio Marinho e Stela  
Miranda. Direção: Flávio Marinho

**1989**

*A Bela Aborrecida*, musical infantil de Paulo  
César Coutinho. Direção: Edwin Luisi e Flávio  
Marinho. Indicação Prêmio Shell de Melhor Atriz  
Coadjuvante

*Ópera Joyce*, de Alcides Nogueira. Direção: Már-  
cio Aurélio. Melhor espetáculo do ano e indica-  
ção de melhor autor

**1990**

*Lamartine para Inglês Ver*, direção e roteiro:  
Antonio Debonis. Direção musical: Jacques  
Morelenbaum

*O Protagonista*. Direção: Jacqueline Lawrence

*Amor com Amor se Paga*, de França Júnior e  
Amir Haddad

## 1991

*Um Certo Hamlet*, companhia Os F... Privilegiados. Direção e Adaptação: Antonio Abujamra. Prêmio Shell de Melhor Atriz. O espetáculo ganhou também os prêmios Shell de Melhor Direção e Adaptação.

*Phaedra*, de Jean Racine, companhia Os F... Privilegiados. Direção: Antonio Abujamra

Leitura: *Ciclo de Acontecimentos Dramáticos. Quartet*, de Heiner Muller. Direção: Adyr D'Assumpção. Belo Horizonte, MG

## 1992

*O Retrato de Gertrud Stein Quando Homem*, de Alcides Nogueira. Direção: Antonio Abujamra

213

*Volta ao Lar*, de Harold Pinter. Direção: Luiz Arthur Nunes

## 1994

*Medeiamaterial*, de Heiner Muller, com o bando de Teatro Olodum. Direção: Márcio Meireles. Salvador, BA

## 1995 – 1999

*Pérola*, texto e direção: Mauro Rasi. Prêmio Mambembe de Melhor Atriz, Prêmio Shell de Melhor Atriz, Prêmio Sharp de Melhor Atriz, Prêmio Apetesp de Melhor Atriz

**2000/2004**

*Theatro e Artes Plásticas*, com os diretores Adriano e Fernando Guimarães. *Performances* em espaços não-convencionais e projeto *Felizes para Sempre*, inspirado na obra de Samuel Beckett

**2004-2005**

*Intimidade Indecente*, de Leilah Assunção. Direção: Regina Galdino

## **Cinema**

**1979**

*Profissão Emergente*, direção Jesus Chediak

**1983**

*Feras em Fuga*, de Máximo Tarantini

**1992**

*Mil e Uma*, de Suzana Moraes

**1993**

*Diário Noturno*, de Monique Gardenberg

**1994**

*Menino Maluquinho*, o Filme, direção Helvécio Ratton  
*Assim na Tela como no Céu*, de Roberto Miranda

215

*Tônica Dominante*, Lina Chamie

*Pecado Capitalista*, André Klotzel

*Carlota Joaquina*, Carla Camurati

**2004**

*Anjos do Sol*, Rudi Lageman

*Bendito Fruto*, Sérgio Goldenberg



## Leituras

**1978**

*Abajur Lilás*, de Plínio Marcos. Direção: Luiz Carlos Moraes - UNIRIO

*Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

Direção: Antonio Mercado e Luis Carlos Moraes - FESP

**1979**

*Janelas Abertas*, de Gianfrancesco Guarnieri.

Direção: Alexandre Tenório - UNIRIO

*O Túnel*, de Dias Gomes.

216 Direção: Luis Carlos Moraes - UNIRIO

Leitura de 10 peças premiadas no concurso universitário de dramaturgia – SNT. Direção: Nildo Parente e Pedro Veras – UERJ

## **Cursos**

### **1968-1970**

Curso Colegial de Formação de Professores Primários – Tatuí, SP

### **1971-73**

Faficile - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí, SP – Departamento de Desenho e Artes Plásticas

### **1973**

Eleita presidente do Diretório Acadêmico Senador Laurindo Minhoto, na Faficile, em Tatuí, SP

217

### **1973**

Curso de Especialização em Geometria Descritiva – Faficile – Tatuí - SP

### **1973**

Escola de Arte Dramática – USP/SP

### **1978/79**

Escola de Teatro – Centro das Artes – UNIRIO – RJ

## **Música**

**1963/70**

Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos – Tatuí

Curso de piano e matérias complementares

**1972**

Curso Intensivo de Educação Musical

Prof. Edgard Willems

**1972**

Cursos de Vivências de Criatividade

Prof. Lúcia Dutra Britto

218

**1977**

Pró-Arte

Curso de Piano e Percepção Musical – RJ.

Profs. Salomé e Felicia Pi-Au-Yang

**1982**

Curso de Secretaria Teatral e

Diretor de Produção – Sated – RJ

## **Canto**

**1980**

Sérgio Ferreira – RJ

**1981**

Alaíde Briane – RJ

**1982**

Alda Pereira Pinto – RJ

**1982**

Escola de Educação Artística Frederic Chopin  
– Prof. Pepê Castro Neves – RJ

**1983**

Maria Lúcia Valadão e Carol McDavid, RJ

## **Dicção**

**1975**

Mylene Pacheco – SP

**1981**

Gloria Beutenmüller – RJ

**1982**

Ana Frota – RJ

## **Dança**

**1974**

Expressão corporal

Escola de Dança Julio Vilan – Piracicaba, SP

**1980**

*Jazz* – Cláudio Tovar, RJ

**1983**

*Jazz* – Nadia Nardini, RJ

**1983**

Academia de Dança Dalal Ashcar: *Jazz e Alongamento* – Prof. Rosane Maia.

Clássico – Prof. Maria Luiza Noronha

221

**1984**

Antonio Negreiro, Bianca Marinho, Deborah Colker, Jean Marie, RJ

## **Interpretação**

**1975**

Escola Macunaíma, SP – Prof. Miriam Muniz

**1980**

Estúdio, RJ – Prof. Antonio Mercado

**1986**

C.A.L., RJ – Gerald Thomas

## Diversos

Aderecista de Figurinos e Chapaleira no Teatro Municipal, RJ

Assistente de Direção:

*Viva sem Medo suas Fantasias Sexuais*, de John Tobias. Direção: José Renato

*Motel Paradiso*, de Juca de Oliveira. Direção: José Renato

*O Averso do Averso*, texto e direção de José Renato

Sonoplastia:

*Viva sem Medo suas Fantasias Sexuais*, de John Tobias. Direção: Zé Renato

Figurino:

*O Dia em que Alfredo virou a Mão*. Direção: João Bettencourt

*Pecado Capitalista*. Direção: Luis Mendonça

Assistência de figurino em *As You Like it*. Direção de Aderbal Júnior

Coordenação de Produção:

*Último Tango em Huahuatenango*



*Sem Sutiã – Uma Revista Feminina*

Projetos:

*Cenas Cariocas – A Vida Como Ela É*, de Nelson Rodrigues. Direção: Artur Faria

Rio Arte – assistente de Celina Sodré nos projetos Autos de Natal, Maria Mazzetti, Teatro no Presídio, Grupo Tá na Rua, Teatro no Museu

## **Outras Atividades**

### **Magistério**

**1972**

Escola de Comércio – Tatuí – Cadeira: Artes

**1973**

Instituto de Educação Sud Menucci – Piracicaba.  
Cadeira: Geometria Descritiva

Colégio Estadual Gerônimo Gallo – Piracicaba.  
Cadeira: Desenho Geométrico

Escola de Comércio Cristóvão Colombo – Piracicaba. Cadeira: Artes Plásticas

225

**1974**

Colégio Anchieta – SP – Desenho e Artes Plásticas

### **Desenhista**

**1975**

Desenhista Técnico – Instituto de Pesquisas Tecnológicas de SP – Divisão de Minas e Geologia Aplicada

**1976/78**

Desenhista Técnico – Engevix S.A. Projeto Itaipu Binacional – Itaipu Alto. Projeto Tucuçuí



## Índice

Apresentação - Hubert Alquéres	5
Introdução - Analu Ribeiro	13
Um Empurrão para Fora da Prancheta	17
Blecaute em Tatuí	21
A Alma PereireNSE	25
Uma Filha de Tatuí	31
Criança Feliz	35
A Grande Família	39
Tempos de Escola	43
Flerte com a Igreja	47
Xodó do Papai	51
A Primeira Vez que Vi o Mar	57
Pinga com Limão, Pimenta e Seresta	63
Caipira com Sotaque	67
Lembranças de Pereiras	71
São Paulo - Capital	77
Programa de Rádio	81
Uma Vida sem Filhos	85
Primeiras Platéias	89
Tempos Universitários	93
Turma da Faculdade	97
Teatro, Eu?	101

O Teste da EAD	107
Dias de Política	111
Rio de Janeiro	115
Casa do Estudante	119
Do Rio para Nova York	123
Carlos Alberto Gonçalves Leite	127
Resgate da Arte	131
Rasga Coração	133
Crônica da Comédia Cotidiana	137
A Carteira, a Bunda e a Sopa	141
Cursos e Mais Cursos	143
Na Mesa com o Raul	145
Diga ao Povo que Fico	147
Theatro Musical Brasileiro	151
Eu e Meus Outros Eus	153
Televisão	157
Caco Coelho	161
Guilherme Leme	165
Pérola	167
A Viúva Pérola	171
O Revés de Pérola	175
Giovanni	179
Por Amor	181

Fernando Guimarães	183
Presença de Anita	185
Mulheres Apaixonadas	189
Cinema	193
Cerimônia de Passagem	195
Pai e mãe – Ouro de Mina	199
Aqui e Agora	203
Cronologia	205



## **Crédito das fotografias**

Bia Montez 84

Demais fotografias - acervo Vera Holtz





## **Coleção Aplauso**

### **Perfil**

***Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro***

Luiz Carlos Merten

***Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo***

Tania Carvalho

***Bete Mendes - O Cão e a Rosa***

Rogério Menezes

***Carla Camurati - Luz Natural***

Carlos Alberto Mattos

***Carlos Coimbra - Um Homem Raro***

Luiz Carlos Merten

***Carlos Reichenbach -***

***O Cinema Como Razão de Viver***

Marcelo Lyra

***Cleyde Yaconis - Dama Discreta***

Vilmar Ledesma

***David Cardoso - Persistência e Paixão***

Alfredo Sternheim

***Djalma Limongi Batista - Livre Pensador***

Marcel Nadale

***Etty Fraser - Virada Pra Lua***

Vilmar Ledesma

***Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar***

Sérgio Roveri

***Helvécio Ratton - O Cinema Além das Montanhas***

Pablo Villaça

***Ilka Soares - A Bela da Tela***

Wagner de Assis

***Irene Ravache - Caçadora de Emoções***

Tania Carvalho

**João Batista de Andrade -  
Alguma Solidão e Muitas Histórias**

Maria do Rosário Caetano

**John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida**

Neusa Barbosa

**José Dumont - Do Cordel às Telas**

Klecius Henrique

**Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras**

Sara Lopes

**Paulo Betti - Na Carreira de um Sonhador**

Teté Ribeiro

**Paulo Goulart e Nicette Bruno - Tudo Em Família**

Elaine Guerrini

**Paulo José - Memórias Substantivas**

Tania Carvalho

**Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto**

Wagner de Assis

234

**Renata Fronzi - Chorar de Rir**

Wagner de Assis

**Renato Consorte - Contestador por Índole**

Eliana Pace

**Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente**

Neusa Barbosa

**Rolando Boldrin - Palco Brasil**

Ieda de Abreu

**Rosamaria Murtinho - Simples Magia**

Tania Carvalho

**Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro**

Nydia Licia

**Ruth de Souza - Estrela Negra**

Maria Ângela de Jesus

**Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema**

Maximo Barro

**Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes**

Nilu Lebert

***Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?***

Maria Thereza Vargas

***Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

***Walderez de Barros - Voz e Silêncios***

Rogério Menezes

## **Especial**

***Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira***

Antonio Gilberto

***Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

***Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida***

Warde Marx

***Ney Latorraca - Uma Celebração***

Tania Carvalho

***Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte***

Nydia Licia

235

## **Cinema Brasil**

***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

***Cabra-Cega***

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi  
e Ricardo Kauffman

***O Caçador de Diamantes***

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

***Casa de Meninas***

Inácio Araújo

***O Caso dos Irmãos Naves***

Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

***Como Fazer um Filme de Amor***

José Roberto Torero

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Dois Córregos***

Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***O Homem que Virou Suco***

Roteiro de João Batista de Andrade por Ariane Abdallah e Newton Cannito

***Narradores de Javé***

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

236

**Teatro Brasil**

***Alcides Nogueira - Alma de Cetim***

Tuna Dwek

***Antenor Pimenta e o Circo Teatro***

Danielle Pimenta

***Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab***

Adélia Nicolete

***Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -  
Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -  
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

**Ciência e Tecnologia**

***Cinema Digital***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

---

Ribeiro, Analu.

Vera Holtz: o gosto da Vera / por Analu Ribeiro. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo , 2006.

240p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 85-7060-233-2 (Obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-462-9 (Imprensa Oficial)

1. Atores e atrizes de teatro - Biografia 2. Atores e atrizes de cinema - Biografia 3. Atores e atrizes de televisão - Biografia 4. Holtz, Vera I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD – 791.092

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia : Representações públicas : Artes 791.092

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional  
(Lei nº 1.825, de 20/12/1907).

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca  
03103-902 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: 11 6099-9800

Fax: 11 6099-9674

[www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual](http://www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual)

e-mail: [livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)

SAC 0800-0123401



Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site  
[www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual](http://www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual)



ctp, impressão e acabamento

**imprensaoficial**

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP  
Fones: 6099-9800 - 0800 0123401  
[www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)

Um grande personagem é uma benção, um prêmio, mas também pode ser um problema. Para muita gente, **Vera Holtz** é, e provavelmente será para sempre, *Pérola*, a inesquecível personagem criada pelo autor Mauro Rasi, que ela transformou em um dos grandes sucessos do teatro brasileiro. Mas, como demonstra nesta biografia escrita pela jornalista **Ana Lúcia Ribeiro**, Vera é muito mais do que *Pérola*, ou *Ornela*, de *Belíssima*, de Silvio de Abreu, ou *Santana*, de *Mulheres Apaixonadas*, de Manoel Carlos, ou *Marta*, de *Presença de Anita*, para citar apenas alguns de seus personagens mais recentes na televisão.

Paulista de Tatuí, muito ligada à família e aos amigos, Vera largou sua profissão de desenhista, numa firma de engenharia, para trabalhar naquilo que mais gostava: **Teatro**. Foi uma trajetória difícil, mas também repleta de grandes momentos no palco (*Um Certo Hamlet* - Prêmio Shell de Melhor Atriz em 1991 - *Ópera-Joyce* e *O Retrato de Gertrude Stein Quando Homem*, ambas de Alcides Nogueira) e no cinema (*Bendito Fruto*, *Carlota Joaquina*).

Nas palavras da autora, Vera é "um antídoto contra o baixo-astral, bacana, bagunceira, barulhenta, engraçada, divina-maravilhosa, e uma atriz daquelas, de talento gigantesco, destemido, indomável".

Venha descobri-la nesta edição da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, na sua proposta de resgate e registro da história cultural deste país.



ISBN 85-7060-462-9



9 788570 604620